LUIZA MACHADO DA SILVA

ALTERIDADE E RESISTÊNCIA A ESTEREÓTIPOS CULTURAIS: PELO DIREITO DE SER EXCEÇÃO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.
Área de concentração: Linguística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral

Pelotas – RS
2017

S586a Silva, Luiza Machado da
Alteridade e resistência a estereótipos culturais: pelo direito de ser exceção. / Luiza Machado da Silva**. –** Pelotas**:** UCPEL, 2017.

84 f.
Tese (doutorado) – Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, BR-RS, 2017. Orientador: Adail Ubirajara Sobral.

1. 1. cultura. 2. diferença. 3. alteridade. 4. estereótipos. 5. mídia. I. Sobral, Adail Ubirajara, or. II. Título.

CDD 401.41

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária Cristiane de Freitas Chim CRB 10/1233

LUIZA MACHADO DA SILVA

ALTERIDADE E RESISTÊNCIA A ESTEREÓTIPOS CULTURAIS: PELO DIREITO DE SER EXCEÇÃO

Aprovada

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral – UCPel
Orientador

_____

Profª. Drª. Fabiane Villela Marroni – UCPel

_____

Profª. Drª. Lucia Valquiria Souza Grigoletti – UCPel

_____

Profª. Drª. Letícia Fonseca Richthofen de Freitas – UFPEL

_____

Prof. Dr. Luciano Passos Moraes – Pedro II

Pelotas, 19 de dezembro de 2017.

Ao Prof. Hilário I. Bohn, cujas digitais estão impressas em todas as páginas desta tese.
Nenhuma palavra é capaz de expressar a gratidão, o respeito e o amor por esse pai acadêmico e amigo, a quem dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos ao Prof. Dr. Adail Sobral por me orientar no difícil momento da ausência do Prof. Hilário, tão caro a nós dois. Agradeço, ainda, pelas discussões teóricas que tivemos em algumas disciplinas em que eu tive o privilégio de participar contigo. Pela amizade, por todos os momentos de descontração que fizeram com que o doutorado fosse mais leve.

Aos professores Fabiane Marroni, Lúcia Grigoletti, Letícia de Freitas e Luciano Moraes, agradeço as contribuições, as leituras e por aceitarem o convite para discutir o meu trabalho. Tenho o privilégio de ter uma banca somente com professores e pesquisadores por quem eu tenho muito respeito e admiração.

Às instituições que me proporcionaram a realização do doutorado: à CAPES e à FURG.

Ao pai e mãe, à irmã e o cunhado, agradeço a ajuda logística e o afeto incondicional.

Aos colegas e amigos que me acompanharam durante os últimos anos, sem os quais os últimos meses teriam sido insuportáveis. Não preciso nomear cada um de vocês, porque vocês sabem o quanto são importantes na minha vida.

É fundamental que eu diga que um Programa de Pós-Graduação não existe sem seu corpo docente e os funcionários que trabalham nele. À Rosangela Pereira que, durante quase todo o doutorado, abria as portas do PPG com um sorriso no rosto, o trabalho dela foi parte fundamental para a manutenção da excelência do nosso curso. Obrigada pelas conversas e por todo o trabalho que tu fizeste, sempre, com muito carinho.

Aos professores do corpo docente com quem eu tive o prazer de estar nesse período, muito obrigada! Vocês são o PPG Letras, que tanto me orgulha fazer parte.

Por último, toda a minha gratidão para a família Bohn, que também foi muito presente nos últimos anos. A generosidade de vocês permitiu que colegas, professores e eu pudéssemos conviver e aprender com o Prof. Hilário.

RESUMO

As diferenças culturais produzem processos de subjetivação e novos signos que identificam o indivíduo, como assinala Bhabha (2005). A relação Eu/Outro pressupõe um encontro marcado no qual o Eu e o Outro se constituem a partir de suas diferenças, o princípio da alteridade. A cultura, as diferenças e as alteridades nem sempre são respeitadas pelo *establishment*, do qual fazem parte todos aqueles a quem a população confere poder, dentre eles a mídia. Este trabalho trata da análise dos estereótipos culturais impostos pela mídia aos turistas brasileiros que viajam para o exterior, em artigos datados no período em que o Brasil sediou grandes eventos desportivos – período compreendido deste a Copa da Confederações, em 2013, até 2017, um ano após os Jogos Olímpicos Rio 2016. Essa análise é precedida por uma revisão bibliográfica sobre cultura, diferença, alteridade e representação, que contempla essas noções a partir de diferentes áreas do conhecimento que fazem parte dos estudos culturais. Esses pressupostos teóricos dialogam com os diferentes aspectos culturais mencionados pelos estrangeiros que visitaram o Brasil durante a Copa do Mundo FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos Rio 2016, de forma a contribuir para as discussões e a compreensão sobre alteridade e diferença cultural. Na análise dos textos da mídia, fica claro que seus títulos são muito mais impositivos em relação aos turistas brasileiros do que os comportamentos culturais de outros países a serem seguidos por eles. A forma como a mídia opera discursivamente, em suas reportagens destinadas aos brasileiros que viajam para outros países, permite pensar que ela pode exigir comportamentos culturais de maneira a contribuir para a construção de culturas globais, economicamente muito importantes para o capitalismo, como um programa da própria mídia. Outra leitura que se pode fazer é do o desconhecimento dos jornalistas que escrevem sobre turismo e viagens sobre os estudos da cultura, o que reflete nas reproduções de estereótipos culturais – sem saber que o fazem – dos discursos do sujeito neocolonial.

Palavras-chave: cultura; diferença; alteridade; estereótipos; mídia.

ABSTRACT

Cultural differences produce processes of subjectivation and new signs that identify individuals, as Bhabha (2005) remarks. The relation I / other assumes an appointment in which I and Other constitute one another through their differences, the principle of alterity. Culture, differences and alterities not always are respected by the establishment, which all those the population assigns power, among them the media, are part. This work analyzes cultural stereotypes imposed by the media to the Brazilian tourists who travel abroad, in articles dated from the period in which Brazil hosted great athletic events – from the Confederations Coup, in 2013, to 2017, a year after the Olympic Games Rio 2016. This analysis is preceded by a bibliographical revision on culture, and it distinguishes alterity from representation, contemplating these notions from different areas of knowledge that are part of cultural studies. These theoretical assumptions dialogue with the different cultural aspects mentioned by foreigners who visited Brazil during the FIFA World Coup 2014 and the Olympic Games Rio 2016, aiming at contributing to the discussions and the understanding of alterity and cultural difference. In the analysis of media texts, titles happen to be are much more imposing regarding Brazilian tourists, than concerning cultural behaviors of other countries to be followed by them. The way the media operate discursively, in their articles addressed to the Brazilians who travel in other countries, allows to think that they can request compliance to cultural behaviors for contributing to the construction of global cultures, economically much more important for capitalism, as an agenda set by the media. Another possible reading is about the ignorance by journalists who write on tourism and travels on cultural studies, and this leads to the reproduction of cultural stereotypes – without their knowing that they do it – of neocolonial subjects' discourses.

Keywords: culture; difference; alterity; stereotypes; media

SUMÁRIO

CULTURALIZANDO DESDE AS PRIMEIRAS PALAVRAS 8

1 UM OLHAR ATRAVÉS DO RETROVISOR DA CULTURA.....14

2 EU E O OUTRO, O OUTRO E EU.....34

2.1 Os estrangeiros no Brasil.....41

2.1.1 Os encontros com outras formas de viver a vida – Copa do Mundo FIFA 2014.....45

2.1.2 Os encontros com outras formas de viver a vida – Jogos Olímpicos Rio 2016.....52

3 A IMPRENSA COMO POSSÍVEL REGULADORA DOS COMPORTAMENTOS CULTURAIS.....59

PALAVRAS (CULTURAIS) FINAIS.....75

REFERÊNCIAS.....78

CULTURALIZANDO DESDE AS PRIMEIRAS PALAVRAS

Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva. É por isso que toda a criação autêntica é uma dádiva para o futuro.
Albert Camus[1]

Recentemente[2], um grupo conservador começou a se manifestar contra uma exposição intitulada Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira, com a curadoria de Gaudêncio Fidelis, sediada pelo Santander Cultural, em Porto Alegre. De acordo com o grupo, radicalmente contrário à exposição, algumas obras representavam apologia à zoofilia, pedofilia, que não se tratava de arte. Como resultado, o Santander Cultural fechou a exposição quase um mês antes da data do seu encerramento. Não quero me estender aos pormenores desta história que continua a reverberar na justiça brasileira, em movimentos sociais e na mídia nacional e internacional. Esse episódio é bastante barulhento e não são todos os ruídos provocados por ele que me interessam discutir neste espaço, embora tudo o que aconteça, neste caso específico sobre a arte como manifestação cultural, seja extremamente relevante de ser discutido.

O primeiro ponto que poderia ser questionado sobre algumas obras censuradas pelos manifestantes e, posteriormente, pelo Santander Cultural ao encerrar a exposição, começaria com a pergunta: é arte ou não é arte? Quem somos nós para decidirmos se uma obra, seja ela uma instalação, uma encenação, artes plásticas, em qualquer dimensão, é ou não é arte? É ou não é cultura? Ora, se a cultura é toda a prática por meio da qual o indivíduo produz significado – adianto ao leitor uma das minhas compreensões sobre cultura e, para mim, a mais importante delas –, no caso em questão, a arte produz significado seja o regozijo ou a ojeriza. Invoco, então, a frase de Camus que inicia este capítulo: a cultura pressupõe uma liberdade relativa, mas pode essa liberdade relativa censurar a própria cultura, ou, no caso das obras do Queermuseu, a própria arte?

Teixeira Coelho, vai de encontro ao que eu descrevi sobre a arte e a cultura. Ele diz que a cultura é regra enquanto a arte é exceção, especialmente quando se trata da arte contemporânea que se propõe a deslocar os sujeitos, como no caso das obras em questão, apesentadas no Santander Cultural:

---

[1] "Sans la culture, et la liberté relative qu'elle suppose, la société, même parfaite, n'est qu'une jungle. C'est pourquoi toute création authentique est un don à l'avenir" (1953). As traduções de citações de obras em línguas estrangeiras são de minha responsabilidade, salvo se houver indicação em contrário nas referências. As traduções livres de minha autoria virão acompanhadas da transcrição do original, em nota.

[2] A mostra aconteceu no Santander Cultural em Porto Alegre e reuniu 270 trabalhos de 85 artistas. Foi inaugurada em 15 de agosto de 2017 e sua exposição se estenderia até 8 de outubro do mesmo ano, mas foi encerrada pelo Santander Cultural, antecipadamente, no dia 10 de setembro.

> ‘Cultura é a regra; arte, a exceção’, diz um personagem de Godard. A arte tem sido vista e visto a si mesma como um exercício de violação das regras desde o último quarto do século 19 e quis ser isso pelo menos desde a Renascença. Não há motivo para recusar-lhe essa representação. Não basta, porém, reconhecer que a arte se tornou um exercício de violação das regras da arte: há normas de outro campo que ela viola. A ideia tradicional – e, pode-se dizer hoje, uma ideia mais *politicamente correta* do que outra coisa – de que arte também é cultura, sendo um bom senso, antes confunde o quadro do que esclarece as coisas (COELHO, 2008, p. 117).

Ao tratar a arte como transgressora, Coelho “não aceita a arte como cultura se esta for entendida como reprodutora das normas culturais”[3] (SOBRAL, 2017). Não nego o caráter normativo presente na cultura, entretanto, ela está sujeita a mudanças, as próprias definições sobre a cultura são diversas entre as áreas do conhecimento. A arte é, indubitavelmente, parte da cultura, já que a cultura é o ambiente que propicia os acontecimentos da vida, incluindo a arte. Alguns movimentos da cultura podem ser transgressores, de modo a transcender sua normatividade. O carnaval é considerado uma manifestação cultural brasileira. Um bom exemplo de que a cultura pode transgredir é o Carnaval Silencioso (bloco do carnaval fora de época) que acontece todos os anos em Brasília, em dezembro. No evento do Carnaval Silencioso, na rede social *Facebook*, eles descrevem que sua manifestação:

> [...] toca em diversas questões políticas sobre Cultura, diversidade e ocupações artísticas urbanas. Um bloco de Carnaval que dança e canta para questionar a Lei do Silêncio e todos os silenciamentos que as leis, as morais e as políticas aplicadas em Brasília e no Brasil têm praticado, o que desperta diversos debates na esfera pública e pessoal da cidade e do país (CARNAVAL SILENCIOSO, 2017).

Esse bloco atravessa a capital federal com todos os foliões dançando e ouvindo a mesma música em fones de ouvido. Quem assiste ao bloco passar, vê muitas pessoas dançando felizes e ouve um silêncio “ensurdecedor”, porque a ideia do Carnaval Silencioso é deslocar os expectadores por meio de uma manifestação popular da cultura brasileira.

Sou inspirada pelos movimentos de arte, mas devo admitir que não sou uma estudiosa, uma autoridade no assunto das artes; tenho fascínio por arte em qualquer manifestação, porque ela reflete as culturas e sem as culturas, para mim, não há existência humana, tratar-se-ia da selva de Camus. Há manifestações artísticas que a mim não soam como arte, embora eu saiba que são. Lembro de uma vez, enquanto ainda estudante de graduação na FURG (Universidade

[3] Ao citar o meu orientador, o Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral, como Sobral, 2017, refiro-me às conversas que tivemos durante os encontros de orientação, nas quais o professor contribui com os seus dizeres e com comentários escritos nas leituras que fez dos capítulos desta tese. Por esse motivo, os comentários aparecem entre aspas, pois é a sua voz que ele cedeu gentilmente para o meu trabalho.

Federal do Rio Grande) em que, chegando para a aula, entre os prédios do curso de Letras, onde estudava, e do curso de Artes, havia uma instalação de arte: eram cadeiras da universidade quebradas e deterioradas, provavelmente pelo uso e pelos alunos, amontoadas. Lembro de olhar e comentar com os meus colegas que eu não entendia aquela arte, e de dizer que, na verdade, se aquilo era arte, então eu mesma poderia ser uma artista, já que é bastante fácil amontoar um monte de cadeiras inúteis. Ignorância minha aos dezenove ou vinte anos. Primeiro, o fato de eu não entender uma obra de arte não pode significar que não se trata de arte; segundo, eu achar, naquela época, que ser artista não está ligado à produção de significado, bastando empilhar objetos, já diz muito sobre o quanto eu desconhecia de arte, o que me leva a pensar que a minha falta de referências com relação ao significado daquela instalação não impedia que ela tivesse referências. Ao contrário, esse fato revela que me faltavam referências para apreciá-la e compreendê-la com mais propriedade.

Essa história simples e pessoal carrega várias outras histórias exatamente iguais, que a maioria de nós vivencia ao visualizar uma arte, ao ler um livro, ou ao tomar um vinho: não teremos, ao longo da nossa vida, todas as referências que nos farão degustar um vinho descrevendo os aromas primários, secundários, os taninos, o retro gosto e a acidez; assim como nem todos os livros que lemos serão compreendidos inteiramente. Por exemplo, ainda que eu seja da área da Letras, leio romances e faço leituras muito distintas das interpretações de quem trabalha com teoria ou crítica literária, porque os meus olhos e referências para as leituras de ficção não levam em consideração tais teorias, a minha cultura de leitura é diferente das culturas de leitura de outros leitores. Aquela obra das cadeiras na FURG, embora eu não soubesse naquela época, só pelo fato de incomodar visualmente, já tinha características de arte e cultura, que servem para desestabilizar, refletir e, hoje, pensando nela, eu consigo discorrer sobre o que eu nem pensava então. A falta de cuidado com os bens públicos dentro da universidade, a questão de sustentabilidade são questões a serem pensadas ao se apreciar uma instalação como aquela. Seria possível dizer que não é arte/cultura uma obra que nos faz refletir, como essa, ou ainda, como o Queermuseu, com as características reveladas por seu curador?

> O Queermuseu é o museu ficcional e metafórico no qual a expressão de gênero e a diferença são exercidas em sua plena liberdade. Nele, os parâmetros restritivos do cânone artístico não são mais dominantes, e o aparato museológico mostra-se desestabilizado (FIDELIS, 2017) [4].

[4] Antes de iniciar a exposição, o curador Gaudêncio Fidelis publicou um artigo explicando o Queermuseu, no jornal Zero Hora, no dia 11 de setembro de 2017.

Fidelis explicita o caráter de liberdade e desestabilidade do Queermuseu. Ao ler essas frases, lembro-me imediatamente do livro *O mal-estar na cultura* (2014), em que Freud fala que os encontros culturais (seja na arte, em diferentes grupos de pertencimento, em qualquer espaço-tempo) são perturbadores e dolorosos. As culturas – também na sua expressão artística, como no caso da exposição no Santander Cultural –, provocam deslocamentos que não são necessariamente corretos ou incorretos, são questões que nos mobilizam, fazem-nos sentir uma série de emoções que podem ir do prazer ao nojo, da segurança ao medo.

Os indivíduos não questionam conscientemente as culturas. Muitas vezes, os questionamentos vêm como um produto determinado por seus grupos de pertença. Assim como os grupos de pertencimento, somos conduzidos nos caminhos culturais por instâncias maiores do que os grupos de pertença, como os governos – que gerenciam as culturas de forma "oficial" – e pela mídia, que têm um alcance inquestionável, mas nem sempre se responsabiliza por gerir as culturas de forma a considerar os debates e estudos em diferentes áreas sobre a cultura. O que acontece com bastante frequência é que a mídia acaba "ditando" os padrões culturais que devemos seguir. Não é difícil recorrer a uma série de situações em que somos conduzidos a determinados comportamentos pela mídia: as roupas da moda nas revistas; os batons e esmaltes usados pelas atrizes nas novelas, jogos *online* que são ligados ao aumento do suicídio (o caso do jogo "Baleia Azul", surgido numa rede social russa); as séries televisivas que estão na moda e que quem não assiste é um *outsider*, e tantos outros exemplos que você, leitor, deve estar lembrando agora.

Esses exemplos que citei e os tantos outros que conhecemos têm aspectos em comum: seres humanos, linguagem e cultura. A selva aculturada – de Camus – propõe que os indivíduos sejam homogêneos, mesmo nas suas infinitas diferenças; estabelece padrões que todos devem seguir, pelas razões mais distintas. A selva pode ser aquela religião proibitiva, aquele governo corruptor, a mídia que reitera diuturnamente o complexo de vira-latas[5].

Nesta década, o Brasil sediou os maiores eventos desportivos do mundo: a Copa das Confederações FIFA, em 2013, a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e os Jogos Olímpicos, em 2016, na cidade do Rio de Janeiro. Esses eventos permitiram que o Brasil exibisse as diferentes formas de brasilidades, representadas por todas as regiões do país. A grande maioria da população do planeta estaria (e esteve) olhando para as nossas diversidades pela televisão, e muitos estrangeiros viriam (e vieram) ao Brasil para fazer turismo e participar (como atletas,

[5] *Complexo de vira-latas* é o título de uma crônica do escritor brasileiro Nelson Rodrigues, publicada em 1958, sobre um jogo de Copa do Mundo de Futebol daquele ano. O termo é usado para se referir ao sentimento de inferioridade e baixa autoestima que os brasileiros têm em relação ao mundo.

imprensa, torcedores) dos eventos esportivos. Por causa destes contatos interculturais que teríamos (tivemos), muito foi veiculado sobre os brasileiros para os estrangeiros nos sites oficiais da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos e, também, muitos blogs, agências de viagens e turismo e jornais publicaram artigos que falavam sobre os brasileiros e suas culturas e sobre os estrangeiros e suas culturas. Não raro, líamos reportagens sobre os estrangeiros que estiveram no Brasil e os aspectos culturais que eles consideraram interessantes, ao longo de sua estada no país. No mesmo período, muito foi publicado sobre como os brasileiros deveriam se comportar no exterior.

Talvez por ter experimentado os encontros culturais nestes eventos *in loco*, eu tenha lido tanto sobre isso, o que de certa forma me trouxe a esta tese, que tem como objetivo geral analisar os estereótipos culturais impostos aos brasileiros pela mídia[6]. Este objetivo se desdobra em outros, por isso, pretendo: 1) realizar uma discussão e revisão teórica sobre a cultura, a diferença e alteridade; 2) dialogar com os aspectos culturais levantados pelos estrangeiros que visitaram o país neste período compreendido deste a Copa da Confederações, em 2013, até 2017, um ano após os Jogos Olímpicos Rio 2016; 3) analisar e interpretar artigos que buscam ditar como o brasileiro deve se comportar no exterior. Por tratar-se de um trabalho analítico, as análises e interpretações dos artigos serão realizadas a partir dos pressupostos teóricos dos estudos culturais, sem filiar-me exclusivamente a uma teoria da linguagem para a interpretação dos dados, já que esta é uma tese da área de Linguística Aplicada, (des)estruturada a partir dos pilares da transdisciplinaridade.

Após estas considerações iniciais, apresentarei ao leitor o primeiro capítulo, "Olhando através do retrovisor da cultura", onde realizarei uma revisão teórica sobre cultura, desde quando era vista como o cultivo de grãos e animais até passar a ser entendida como o cultivo da mente e do homem. Pretendo apresentar a cultura através de diferentes áreas que contribuem para os chamados estudos culturais, como a psicologia, a antropologia e a sociologia, por exemplo, para que haja uma compreensão de como o termo "cultura" foi e é ressignificado ao longo do tempo, por diferentes áreas do conhecimento.

No segundo capítulo, intitulado "Eu e o outro, o outro e eu", discutirei a alteridade, propondo um diálogo entre linguagem, cultura e os encontros culturais que foram abordados na mídia por estrangeiros, ao longo dos últimos cinco anos em que o Brasil recebeu milhares de visitantes em função dos grandes eventos esportivos aqui sediados. A ideia deste capítulo é

[6] Por trabalhar com textos publicados de diferentes meios de comunicação social, optei por utilizar o termo "mídia" neste trabalho.

demonstrar que as culturas são complexas, distintas e que, quando tratados de forma responsável, os encontros culturais promovem a tolerância e o respeito às diversidades.

Em “A imprensa como possível reguladora dos comportamentos culturais”, o leitor encontrará uma análise e interpretação de artigos sobre o comportamento dos brasileiros no exterior, dialogando com a cultura, com a linguagem e com as características pós-coloniais que ainda fazem parte do comportamento brasileiro. A ideia é observar em que medida a mídia trata a cultura sem levar em consideração a complexidade do tema, e até que ponto os artigos que publica acabam reforçando o “complexo de vira-latas” dos brasileiros, normatizando seu comportamento ao viajar para o exterior, acreditando que as nossas atitudes envergonham o país lá fora.

1 UM OLHAR ATRAVÉS DO RETROVISOR DA CULTURA

Iniciar um capítulo que pretende olhar através do retrovisor da cultura é um desafio e uma responsabilidade. Tentarei percorrer os caminhos da cultura de forma a não ser tão prolixa, ansiando, ao mesmo tempo, não deixar escapar desse retrovisor os aspectos fundamentais para a compreensão do termo "cultura" e suas mudanças ao longo do tempo.

Muito antes das nossas percepções atuais sobre cultura, antes da cientifização do termo, a cultura era vista como o processo de cultivo de grãos e de animais. O processo cultural começou com a domesticação do fogo, a produção e utilização de ferramentas e a construção de abrigos e moradias, o que leva Freud a reconhecer como culturais "todas as atividades e todos os valores que servem ao homem na medida em que colocam a Terra a seu serviço, protegendo-o contra a violência das forças da natureza etc." (2014, p. 87). No mesmo sentido, Eagleton (2011) fala que a etimologia do conceito de cultura deriva da natureza.

Consta no *Dicionário Etimológico* a origem da palavra cultura:

> Do latim cultura, *culturae*, que significa "ação de tratar", "cultivar" ou "cultivar a mente e os conhecimentos". Originalmente, a palavra *culturae* se originou a partir de outro termo latino: *colere*, que quer dizer "cultivar as plantas" ou "ato de plantar e desenvolver atividades agrícolas". Com o passar do tempo, foi feita uma analogia entre o cuidado na construção e tratamento do plantio, com o desenvolvimento das capacidades intelectuais e educacionais das pessoas (2017).

O desenvolvimento da cultura como cultivo da mente, estendido para o processo de desenvolvimento humano, acontece a partir do século XVI, mas é só a partir do século XIX que entendimentos sobre a cultura começam a ser discutidos. Nesse período, a palavra cultura passa a ter o sentido de civilização na França e na Inglaterra. Ser culto, significava ser erudito (no sentido de ter vastos e profundos conhecimentos), ter refinamento social, não ser bárbaro, enfim, civilizado.

A Alemanha, na mesma época, contrastava cultura e civilização:

> *Zivilisation* era associada ao refinamento das maneiras, ligado aos padrões sociais (classes superiores). *Kultur* era o termo usado pela *intelligentsia* alemã (da qual fazia parte um extrato social de estudiosos da língua alemã) para diferenciar-se das classes consideradas superiores e buscou sua realização no campo da academia, ciência, filosofia e arte (THOMPSON, 2009, p. 168).

Os alemães já compreendiam as diferenças entre civilização e cultura, no século XIX – da mesma forma como as compreendemos hoje. O aspecto mais interessante é o entendimento da cultura (*Kultur*) ligada aos indivíduos de qualquer classe social, independente do que

pensava a "alta sociedade". A *Kultur* era uma característica inerente a todas as pessoas, ao passo que a *Zivilisation* segregava a maior parte da sociedade e dela só faziam parte as pessoas com alto poder aquisitivo, ligadas a determinados padrões sociais – as classes "superiores" -, mas curiosamente as produções de qualquer natureza não eram realizadas pelos indivíduos que pertenciam à *Zivilisation*.

A civilização é marcada, "'abstrata, alienada, fragmentada, mecanicista, utilitária, escrava de uma crença ou obtusa no progresso material', enquanto 'a cultura é holística, orgânica, sensível, autotélica, recordável'" (EAGLETON, 2011, p. 22-23). Apesar das oposições alemãs entre cultura e civilização, a *Zivilisation* tornava as diferenças nacionais mínimas, enquanto a *Kultur* as enfatizava. A partir do antagonismo civilização-cultura, surge a "concepção clássica" de cultura, elaborada por filósofos e historiadores alemães, como "o processo de desenvolvimento e enobrecimento das faculdades humanas, um processo facilitado pela assimilação de trabalhos acadêmicos e artísticos e ligado ao caráter progressista da era moderna" (THOMPSON, 2009, p. 170). A concepção clássica confere limitações em sua descrição ao enaltecer alguns valores em detrimento de outros e ao reiterar algumas conotações etnocêntricas.

O que vai mudar categoricamente o pensamento sobre a cultura é a emergência da antropologia, no final do século XIX, e a cientifização da cultura. A única ligação entre "as ordens pré-modernas e pós-modernas é que para ambas, embora por razões bem diferentes, a cultura é um nível dominante da vida social" (EAGLETON, 2011, p. 47).

John B. Thompson utiliza duas concepções culturais para diferenciar o uso da palavra "cultura" na antropologia: a concepção descritiva e a simbólica. Da concepção descritiva, trabalhada por Thompson, fazem parte as ideias de Tylor e Malinowski. Tylor, resumido por Thompson, define a cultura ou civilização como "todo o complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei costume e todas as demais capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade" (2009, p. 171). Malinowski faz uma distinção entre a antropologia física e a antropologia cultural, para definir a cultura. Thompson compreende assim as ideias de Malinowiski: a antropologia física diferencia os seres humanos em função das suas características fisiológicas, enquanto a antropologia cultural os diferencia em termos de herança social: "a cultura é uma realidade sui generis e deve ser estudada como tal" (2009, p. 172).

A concepção descritiva, como o próprio nome anuncia, descreve o que pode ser considerado cultura. Entendo que a descrição da cultura teve sua importância como ponto de

partida para as discussões científicas sobre cultura. Claro que a noção descritiva não dá conta de compreender os processos culturais, de apreender o desenvolvimento cultural humano, que é extremamente complexo; de qualquer forma, as ideias de Tylor e Malinowski abriram caminhos para que estudos sobre a cultura pudessem ser aprimorados na sua complexidade. Assim, a concepção descritiva de cultura é entendida por Thompson como: "a cultura de um grupo ou sociedade é o conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade" (2009, p. 172).

De certa forma, o caráter da concepção descritiva está bastante associado à materialidade da cultura. A diferença está na forma como essa materialidade é tratada na concepção descritiva e na concepção simbólica. A esse respeito, Eagleton vai dizer que a "cultura denotava de início um processo completamente material, que foi depois metaforicamente transferido para questões do espírito" (2011, p. 10), o que seria uma forma de dizer que o materialismo cultural seria uma expressão tautológica. Embora Eagleton considere o materialismo cultural redundante, outros teóricos da cultura tratam do materialismo cultural como o processo material que leva à prática humana.

Raymond Williams diz que "a verdadeira crise do nosso tempo na teoria cultural é entre esta perspectiva da obra de arte como objeto e a perspectiva alternativa a partir da qual a obra de arte é concebida como uma prática"[7] (2012, p. 69). Ele pensa que a cultura como um todo, no sentido de vida social, é tarefa de mudança política (no sentido de ação, não de política partidária).

Ian Woodward (2007), que também trabalha com a cultura material e dedicou uma obra ao tema, *Understanding material culture*, vai tratar a cultura material como aquela que inclui qualquer objeto que possa ser manipulado, percebido, tocado e tem uma existência material que é um componente da prática material humana.

A título de exemplo de meu entendimento de tais reflexões, cabe evocar uma experiência vivida em 2008, quando eu iniciei meus estudos no mestrado no mesmo mês em que comecei a trabalhar, pela primeira vez após a graduação, em três instituições diferentes. Foi um momento bastante caótico devido aos novos e desafiadores compromissos assumidos como docente e como estudante de pós-graduação. O conforto e a vida mais leve de estudante de graduação definitivamente haviam ficado no passado. No terceiro mês desta nova vida cheia de atividades

[7] "La verdadera crisis de nuestro tiempo en la teoría cultural es entre esta perspectiva de la obra de arte como objeto y la perspectiva alternativa desde donde la obra de arte es concebida como una práctica".

que consumiam todo o meu tempo e minhas horas de sono, a ansiedade bateu à minha porta, como bate à porta da maioria das pessoas, em algum momento, neste século em que não temos tempo ou não sabemos gerenciá-lo e as demandas parecem se multiplicar rapidamente.

Recebi um presente de uma amiga: um colar com um pingente do Ganesha, um dos mais conhecidos deuses do hinduísmo. Minha amiga me presenteou com o amuleto para que o usasse como proteção, já que o Ganesha, de acordo com ela, ajuda a remover os obstáculos, é o mestre do intelecto e da sabedoria e o símbolo das soluções lógicas. Embora eu não fosse – nem seja, hoje – sabedora ou veneradora do hinduísmo, ou do Ganesha, passei a usar aquele colar sempre que eu saía de casa para dar aulas ou ir para as aulas do mestrado, como se fosse uma roupa. O colar passou a fazer parte da minha "vestimenta" na vida profissional. Talvez eu tenha acreditado nessa "proteção" por ser um presente de uma pessoa que me quer muito bem e a quem eu quero muito bem, talvez tenha sido o próprio Ganesha, o fato é que sem este objeto, parece que as questões profissionais não caminham tão bem, por isso eu o uso desde que o recebi. Essa breve exemplificação de ordem pessoal é significativa do campo de atuação da cultura material: "os objetos são culturalmente poderosos porque *na prática eles resultam de manipulação física e mental conectadas entre si*"[8] (WOODWARD, I., 2007, p. 15).

A concepção simbólica vai tratar justamente do que falta à cultura descritiva: a ideia de que não só os indivíduos produzem e recebem expressões linguísticas significativas, como também atribuem sentido a produções não-linguísticas. Essa concepção utilizada por Thompson para descrever a cultura contempla a maioria dos autores que recebem destaque neste trabalho, porque, assim como eu, eles entendem a cultura como um "local" de produção de significado que ocorre por meio das linguagens.

Outros autores que pensam a cultura nesse sentido são White e Dillingham (2009) ao argumentarem que cultura é uma classe distinta de fenômenos, que dependem do exercício de uma habilidade mental, peculiar à espécie humana, abrindo caminhos para uma concepção que enfatizasse o caráter simbólico da vida humana. Ainda no espectro da ideia de simbologia, destaca-se o pensamento de Geertz (2008), preocupado com as questões de significado, simbolismo e interpretação da cultura. Para ele, a análise da cultura deve ignorar a formulação de leis e a construção de esquemas evolucionistas, embora ele discuta a relação entre cultura e hominização, chegando a conclusões bastante parecidas às dos biólogos Varela e Maturana (2004), que propõem que o crescimento do cérebro é produto dos processos culturais.

[8] "Objects are culturally powerful because *in practice they connect physical and mental manipulation*".

Thompson resume a concepção simbólica da seguinte forma: "cultura é o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças" (2009, p. 176). Ele distingue, então, cinco características das formas simbólicas: intencionais, convencionais, estruturais, referenciais e contextuais. Os quatro primeiros, de acordo com o autor, têm relação com o que se entende por significado, sentido e significação.

O aspecto intencional está ligado ao fato de que as formas simbólicas são expressões de um indivíduo para outro indivíduo (ou muitos outros). Ao expressar-se, o sujeito-produtor busca propósitos em suas produções para seu interlocutor, que as interpretará como uma mensagem a ser entendida. Um diário, como exemplo de intencionalidade, não é feito a outro indivíduo senão aquele que o escreve e que possui, ele próprio, a chave de sua interpretação.

O aspecto convencional das formas simbólicas está relacionado à aplicação de regras, normas e convenções. O uso dessas regras não é feito de forma consciente, porque elas fazem parte do conhecimento tácito do ser humano. Todos nós apreendemos ao longo da vida acadêmica, por exemplo, as regras de turno de fala em uma sala de aula e em uma conferência: na primeira, em geral, o estudante pode pedir o turno sempre que não entende alguma parte da fala professor; na segunda, é comum perguntarmos somente quando o conferencista encerra sua fala.

A forma simbólica também tem seus aspectos estruturais por serem construções com estruturas articuladas. A estrutura "é um padrão de elementos que podem ser discernidos em casos concretos de expressão, em efetivas manifestações verbais, expressões ou textos" (ibid., p. 188). É comum que atores e atrizes fotografem para revistas. Uma foto do ator brasileiro Bruno Gagliasso em uma revista, com sua família ou sem ela, em sua casa, no estúdio onde está gravando ou em uma paisagem natural, nos fornece traços estruturais que nos permitem chegar a um significado. Ao observarmos as fotografias que Bruno tirou, encarnando seu lado feminino, para o artista plástico Gian Luca Ewbank[9], temos diferentes traços estruturais para conferir significado.

O aspecto referencial significa que as formas simbólicas representam algo: "substituir ou representar um objeto, indivíduo ou situação, bem como num sentido mais específico através do qual uma expressão linguística pode, em uma determinada ocasião de uso, referir-se a um

[9] As fotos de Bruno Gagliasso, tiradas pelo artista plástico **Gian Luca Ewbank,** compõem a exposição RE.VER.SO, que tem como tema a diversidade, exposta na Galeria de Arte Luis Maluf, em São Paulo, em novembro de 2017.

objeto particular" (ibid., p. 190). No exemplo "Eu gosto de Linguística Aplicada", o orador refere-se a um indivíduo específico, a si mesmo como referente de "eu".

O aspecto contextual é importante em questões de significado e interpretação e "os contextos de produção e recepção das formas simbólicas acontecem em campos de interação que podem ser sincronicamente conceituados como um espaço de posições e diacronicamente como um conjunto de trajetórias" (ibid., p. 197). Desta forma, a recepção e interpretação das formas simbólicas permitem aos indivíduos estarem em um processo incessante de construção e reconstrução de significados.

Na mesma linha da concepção simbólica da cultura descrita por Thompson, François Jullien vai pensar a cultura, ou melhor, a*s* cultura*s* a partir dos sujeitos e das interações sociais que produzem significado e, portanto, produzem culturas, além de estarem sempre em deslocamento:

> O que nos faz pensar que a cultura só pode existir no singular, e que no plural, longe de abrir apenas uma variação dela, lhe é efetivamente consubstancial. Pois, se é verdade que não cessamos de ver as culturas pegarem emprestado, assimilarem, diluírem-se em conjuntos mais vastos, atenuarem suas especificidades e, finalmente, uniformizarem-se, não cessamos igualmente de constatar o movimento inverso: de especificação e reindividuação contínuas (JULLIEN, 2009, p. 179).

As ideias de Jullien são corroboradas por Eagleton (2011) quando pensa a cultura como sendo simultaneamente pessoal e social, porque o desenvolvimento da personalidade carece do meio social e, no pensamento pós-moderno, o pluralismo tem seu encontro com a autoidentidade multiplicando as distintas identidades em vez de dissipá-las. A cultura está sempre entre dois polos, como as questões de liberdade e determinismo, o dado e o criado. Para Eagleton, "o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o mundo que fazemos e o mundo que nos faz" (2011, p. 11).

Edward W. Said é outro pensador que contribui para a reflexão ao afirmar que "todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas, extremamente diferenciadas, sem qualquer monolitismo" (2011, p. 19), da mesma forma como seus indivíduos, que descartam aquilo que não precisam e agregam os aspectos culturais que lhes são convenientes.

Da mesma forma como os indivíduos estão sempre deslocando suas identidades, a cultura, para Jullien (2009), se empregada no singular, fosse ela a cultura de um país, uma cidade ou a cultura do mundo inteiro, seria uma cultura morta, já que ela não é um invólucro colocado no sujeito transcendental, que não pode ser trocado. Esse é o motivo pelo qual a

cultura não pode ser isolável, nem estabilizável – porque sempre está em deslocamento –, nem dissociável – dos sujeitos.

Assim, o autor trata os indivíduos como protagonistas dos processos culturais, porque não são totalmente sujeitados às culturas, ao contrário, são agentes dos processos culturais:

> O que leva a pensar que, a exemplo e no prolongamento da língua, como ela, ao mesmo tempo, legado recebido, meio e potencial a explorar, a (uma) cultura é efetivamente *através do que* um sujeito existe; ela é a dimensão de desdobramento e de efetivação do sujeito (ou, dito às avessas, e por via de consequência, o sujeito que não se desenvolve culturalmente é, constatamos diariamente, um sujeito atrofiado) (JULLIEN, 2009, p. 183).

Essa citação de Jullien traz uma reflexão bastante importante acerca do papel do sujeito na cultura, porque, assim como as culturas, os sujeitos são deslocados e se deslocam constantemente e seus sentimentos a respeito de si mesmos são suscetíveis de perturbações e a desestabilizações.

Freud descreve como as tensões do Eu, de um ser psíquico, são relacionadas com a cultura. Ele revela que, originalmente, o Eu contém tudo, mas no decorrer da sua história esse Eu vai segregando de si um mundo externo. Em suas palavras, trata-se de "um ser psíquico com um passado de análoga extensão e riqueza, um ser, portanto, em que nada do que uma vez aconteceu tenha se perdido, em que ao lado da última fase de seu desenvolvimento todas as anteriores ainda continuem existindo" (2014, p. 52). Essa ideia de que o Eu contém tudo, mesmo aquilo que não utiliza mais, vai ao encontro da proposta de Jullien segundo a qual a cultura não é um rótulo que possa ser trocado; ela é, na verdade, assim como o Eu (Ego) de Freud, um histórico da existência (cultural e psíquica) em que novos aspectos, ideias e características são agregados continuamente e os aspectos que, por alguma razão, são colocados de lado, continuam a existir ainda que não sejam mais usados.

Em *O mal-estar da cultura*, o título já anuncia o pensamento de Freud (2014) em relação à cultura: o mal-estar. A cultura para Freud é um processo doloroso, já que ele a relaciona ao sofrimento dos seres humanos (psíquicos). E as fontes do nosso sofrimento vêm de três aspectos. O primeiro é o poder superior da natureza – não é a primeira vez que o leitor lê a cultura relacionada à natureza neste capítulo, é inevitável relacionar a natureza à cultura e ao homem.

A cultura é uma das formas que o ser humano teve que desenvolver para poder "enfrentar" a natureza e sobreviver a ela, ou para viver mais tempo e mais confortável nela, utilizando-se da natureza para adequá-la às suas necessidades. Ainda assim, há que se

reconhecer o poder superior da natureza, porque mesmo que o ser humano consiga tirar proveito das fontes naturais, a natureza nunca será dominada pelo homem.

Em setembro de 2017, uma série de fenômenos naturais devastaram países da América Central e América do Norte, como os furacões Harvey, Irma, Maria, José e os terremotos no México. Embora hoje tenhamos uma tecnologia que permite prever esses fenômenos da natureza, não podemos contorná-los ou "domá-los"; primeiro porque os prejuízos materiais são inevitáveis quando falamos de ventos de mais de 200 km por hora e tremores de terra acima de 5 graus na escala Richter (os recentes Terremotos do México alcançaram a magnitude de 8,2 e 7,1 graus), o segundo motivo é que a previsão para alguns fenômenos, especialmente os terremotos, não é suficiente para que as pessoas possam se proteger. Infelizmente, é comum a ocorrência de mortes e pessoas feridas nos desastres naturais. A natureza sempre será superior ao homem e, portanto, uma de suas fontes de angústia.

A segunda fonte de sofrimento é a fragilidade do nosso próprio corpo. O nosso organismo também faz parte da natureza e, ainda que a medicina tenha prolongado a nossa vida, reconhecemos as limitações do nosso corpo e sabemos que o corpo é transitório. Por fim, a última fonte de sofrimento descrita por Freud é "a deficiência das disposições que regulam os relacionamentos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade" (2014, p. 80). Essa última é um pouco pior para o ser humano, já que as duas primeiras, a natureza e o corpo – que também é parte da natureza –, fazem com que nos resignemos por sua inevitabilidade. É difícil compreender a terceira fonte de sofrimento porque os dispositivos que o próprio homem criou e que deveriam trazer conforto, proteção e benefícios, acabam trazendo aflição e amargura. Freud assim resume o sofrimento humano:

> [...] uma grande parte da culpa pela nossa miséria é de nossa chamada cultura; seríamos muito mais felizes se desistíssemos dela e retornássemos às condições primitivas. [...] seja como for o conceito de cultura – é certo que pertence justamente a essa mesma cultura tudo aquilo com que tentamos nos proteger da ameaça oriunda das fontes de sofrimento (2014, p.81).

Ao longo de todo o volume, Freud vai relacionar o Eu e suas perturbações com a cultura. Ele traz uma forma contemporânea de definição da cultura (não a definindo tradicionalmente), relacionando-a com os aspectos psíquicos do ser humano e suas realizações. Aliás, para ele, a cultura designa todas as realizações humanas que foram nos distanciando dos nossos antepassados; essas realizações têm dois objetivos: a nossa proteção contra a natureza – de onde tiramos tudo o que nos é útil – e o controle das relações entre os homens, "porém, através de nenhum outro traço julgamos caracterizar melhor a cultura do que através da estima e do cultivo

das atividades psíquicas superiores, das realizações intelectuais, científicas e artísticas do papel dirigente concedido às ideias na vida das pessoas" (ibid., p. 95).

O poder envolvido nessas relações culturais entre os homens é fundamentalmente da comunidade, nunca do indivíduo. Qualquer indivíduo que queira apresentar novas "regras" culturais à comunidade será considerado *persona non grata*. Essas relações de poder das comunidades sobre os indivíduos permitem que a "ordem" seja mantida, de forma que o ordenamento da comunidade não seja "quebrado" em detrimento de um indivíduo: "a liberdade individual não é um bem cultural" (ibid., p. 98).

Freud ainda discute as questões de impulsos e sublimações[10], que acabam repercutindo no desenvolvimento cultural, especialmente no que se refere às atividades psíquicas superiores (como as científicas e artísticas). A sublimação dos impulsos gera produção significativa dessas atividades o que representa um papel significativo na vida cultural. Se por um lado a sublimação dos impulsos é extremamente significativa para a cultura, por outro a restrição dos impulsos pode nos levar a um arriscado estado de "miséria psicológica de massa" (2014, p. 131).

O êxito da cultura foi o fato de que ela aproximou os seres humanos de tal forma que pudessem viver em comunidade; se vivêssemos isolados, não seríamos culturais:

> Num determinado ponto desta investigação, impôs-se a nós a ideia de que a cultura é um processo peculiar experimentado pela humanidade, e ainda nos encontramos sobre o fascínio dessa compreensão. Acrescentamos que a cultura é um processo de serviço de Eros[11], que deseja reunir indivíduos humanos isolados, depois famílias, então tribos, povos e nações em uma grande unidade, a humanidade (ibid., p. 141).

A cultura, talvez por estar a serviço de Eros, também traz a culpa, mesmo que não tenhamos consciência sobre ela: o fato de não a reconhecermos não impede que sintamos "um mal-estar, uma insatisfação, para os quais se buscam outras motivações. As religiões, pelo menos, nunca ignoraram o papel do sentimento de culpa na cultura" (ibid., p. 166).

Trata-se do entendimento da cultura sob um viés psicanalítico, tratando das subjetivações que envolvem o termo. As narrativas de subjetividades culturais também são abordadas por Homi K. Bhabha, mas à luz do pós-colonialismo. O mal-estar e a insatisfação provocados pela cultura, para Freud, está muito ligado à ideia de cultura de Bhabha, que a

---

[10] "Sigmund Freud conceituou o termo [sublimação] em 1905 para dar conta de um tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados" (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 734).

[11] Freud se refere a Eros, o deus do amor na mitologia grega, que também serviu de metáfora para explorar outros temas, nesta e em outras obras, como libido, narcisismo, pulsão, sexualidade e sublimação.

coloca na "esfera do além" (1998, p. 19). Faz parte da nossa vida atual, por uma questão de sobrevivência (da mesma forma como precisamos sobreviver às forças da natureza, como disse Freud), viver um presente que está além deste presente, para o qual "não parece haver nome próprio além do atual e controvertido deslizamento do prefixo 'pós': pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo... O 'além' não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado..." (BHABHA, 1998, p. 19).

O "além", caracterizado por Bhabha, é um terceiro espaço que não é o velho, não é o novo, é o resultado das narrativas produzidas pelos dois. Ele defende a necessidade de deixar o passado – as narrativas originais – e prestar a atenção nos processos produzidos nas tensões das diferenças. O terceiro espaço, o "entre-lugar", que surge a partir desses processos, cria novas narrativas capazes de deslocar as identidades, as culturas, os sujeitos e as próprias ideias de sociedade:

> É na emergência dos *interstícios* – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas da *nação* [*nationess*], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se formam sujeitos nos entre-lugares, nos excedentes das somas das "partes" da diferença? [...] A força dessas questões é corroborada pela "linguagem" de recentes crises sociais detonadas por histórias de diferença cultural (ibid., p. 20).

As diferenças culturais podem gerar conflitos e consensos. Lembra, leitor, que na seção anterior eu relatei os conflitos causados pela exposição Queermuseu, no Santander Cultural? A exposição gerou conflitos entre os mais conservadores e foi defendida por tantos outros que, assim como o curador e os artistas, não viam as obras de arte como crime. As diferenças culturais deslocam e realinham conceitos, embaralham as noções de tradição e modernidade, de dentro e fora, de arte e não-arte, elas diluem as fronteiras que nós tentamos fixar. É justamente "essa passagem intersticial entre identificações fixas [que] abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta" (ibid., p. 22). O acolhimento das diferenças surge como uma possibilidade de aceitação, respeito e tolerância entre os diferentes indivíduos e as inúmeras sociedades, porque não nega ou exclui os aspectos divergentes, negocia-os. Um dos problemas que geram tantos conflitos nos encontros das diferenças está nas relações de poder que se estabelecem por meio da linguagem.

Bhabha discute as linguagens da crítica teórica e nos instiga a pensar se essas linguagens não são apenas mais um modo de produzir um discurso que reforça a equação "conhecimento-poder" (1998, p. 45), associada a uma elite culturalmente privilegiada:

> A linguagem crítica é eficiente não porque mantém eternamente separados os termos do senhor e do escravo, do mercantilista e do marxista, mas na medida em que ultrapassa as bases de oposição dadas e abre um espaço de tradução: um lugar de hibridismo, para se falar de forma figurada, onde a construção de um objeto político que é novo, *nem um nem outro*, aliena de modo adequado nossas expectativas políticas, necessariamente mudando as próprias formas do nosso reconhecimento do momento da política (ibid., p. 51).

As questões da linguagem são necessariamente culturais. Onde há problemas nas interações culturais, há, de certo, problemas de significados cujos signos foram mal interpretados ou mal apropriados, não se tratando de problemas de interpretação e limitação, mas de manipulação. Busca-se significados que sejam convenientes para disseminar determinadas ideias daqueles que não querem ter de lidar com as diferenças. Trata-se de um jogo de força que conduz a uma manipulação deliberada de "certas verdades" para que os detentores do poder nele se mantenham. É mais simples compreender quando Bhabha faz algumas distinções sobre aspectos da cultura, dizendo que:

> A diversidade cultural é um objeto epistemológico – a cultura como objeto do conhecimento empírico – a diferença cultural é o processo da *enunciação* da cultura como "conhec*ível*", legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural. Se a diversidade é uma categoria ética, estética ou etnologia comparativas, a diferença cultural é um processo de significação através do qual afirmações *da* cultura ou *sobre* a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade. A diversidade cultural é o reconhecimento de conteúdos e costumes pré-dados, [...] é também a representação de uma retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única (ibid., p. 63).

Quando percebemos que a linguagem e a cultura são construídas no terceiro espaço – que não é estável, ao contrário, é bastante contraditório – compreendemos que não há culturas imutáveis, originais ou puras; esse espaço garante que os significados da cultura não sejam fixados, mas traduzidos e ressignificados. É o "*entre-lugar* que carrega o fardo da cultura", de acordo com Bhabha (1998, p. 69).

Esse terceiro espaço (entre-lugar, interstício) de Bhabha, concebe o que Leslie White (2009) chama de *simbologização*. O processo de simbologização, descrito por White, supõe as atividades de pensar, agir, sentir e são essas atividades que desencadeiam as ideias, os atos, as atitudes e os objetos. A linguagem é a forma como os produtos que decorrem do processo de simbologização se concretizam.

Na área da Linguística, Possenti vai relacionar a cultura à língua, dizendo que são as palavras, as expressões linguísticas que presenciam as relações entre e língua e a natureza e,

por consequência, entre língua e cultura (2013). Em consonância com essas ideias, por adotar pressupostos teóricos que se opõem à tradição formalista, a linguística cognitiva vai compreender que a significação é um processo que se difere da relação entre os símbolos e os dados do mundo. Ao contrário, "as palavras e as frases assumem seus significados no contexto, o que implica a noção de que os conceitos decorrem de padrões criados culturalmente" (MARMELOTTA e AREAS, 2003, p. 22).

As relações entre língua, natureza e cultura coexistem – na visão de autores de várias áreas –, e se encontram no interstício que acolhe as diferenças culturais. Sendo assim, a noção de que exista uma realidade concreta e dada, descrita pelos signos, é utópica. As posições axiológicas que os interlocutores assumem em seus enunciados, por exemplo, de forma a caracterizá-los como seres irrepetíveis, dissolve a realidade dada, a partir dessa premissa do Círculo de Bakhtin.

Faraco (2003), explica a noção de responsividade, necessária para a compreensão do dialogismo e da interação:

> [...] cada enunciado é uma resposta, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou desacordo; é um elo da corrente ininterrupta da comunicação sociocultural. E, ao mesmo tempo que responde (no sentido de tomar uma posição socioaxiológica), espera uma resposta (espera que outros assumam uma posição socioaxiológica frente ao dito (FARACO, 2003, p. 57).

Em outras palavras, as construções culturais são realizáveis por meio dos enunciados singulares de cada sujeito. Cada interlocutor possui um repertório enunciativo que carrega seus valores e sua história, podendo ele agregar e segregar novos valores e elementos significativos no contato com outros interlocutores.

Há, ainda, o fato de que a cultura fornece subsídios para "'recortar' a realidade em elementos significativos" (CABECINHAS, 2004, p. 3), o que nos remete à noção de Freud segundo o qual o Eu segrega o que não lhe convém da realidade, do mundo externo.

A cultura tem sido abordada por alguns teóricos, colocando em evidência as implicações, nas sociedades capitalistas, da manipulação das noções de cultura e de sua utilização visando ao abuso de poder simbólico e à difusão da ideia de cultura como serviço ou produto a ser consumido pela população. Matellart e Neveu dizem que o significado da cultura como pensamento livre passou a ser marginal: trata-se de uma tentativa de defesa contra todas as formas de pressão que vai se apagando na medida em que uma noção de cultura instrumental vai sendo imposta. Como consequência, a ordem social passa a ser regulada "sob efeito dos

novos imperativos da gestão simbólica dos cidadãos e dos consumidores pelos Estados e pelas grandes unidades econômicas" (2004, p. 195).

A Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) dividiu os debates da cultura com OMC (Organização Mundial do Comércio), permitindo que as políticas culturais pudessem ser pensadas a partir da lógica de serviços e negociadas como outras *commodities*. Nesse movimento, "[...] a noção de 'diversidade cultural' se metamorfoseou em pluralidade da oferta de produtos e serviços num mercado mundial concorrencial, tecnicamente capaz de produzir a diversidade no próprio seio da estandardização de massa" (MATELLART e NEVEU, 2004, p. 196). A cultura e a comunicação passaram a servir como uma nova forma hegemônica, que inauguram uma nova mentalidade coletiva, homogeneizada e estereotipada, de forma a desumanizar a população, apagando suas diferentes características.

O princípio da alteridade passa a ser desrespeitado quando a "cultura global" passa a ser vista como um bem de consumo, reproduzindo-se à narrativa de que é importante que os consumidores socializem no modo de vida global:

> Essa nova centralidade do cultural é homologada pela noção de *soft power*, toda forma de poder que não recorre à força e participa da capacidade que a potência dominante possui de fixar a ordem do dia de modo a modelar as preferências de outras nações. Inconcebível sem o crescimento em poder da arma cultural, informacional e linguística, o *soft power*, eufemismo que se poderia traduzir pela expressão menos vaga "dispositivo de violência simbólica", vê-se com a tarefa de cultivar o desejo de uma ordem planetária estruturada segundo os valores da *global democratic marketplace* (ibid., p. 196-197).

A questão do consumo da cultura também está presente no Brasil, através do MinC (Ministério da Cultura). As metas do Plano Nacional da Cultura[12] são divididas em três dimensões: a simbólica, a cidadã e a econômica. De certa forma, e não poderia ser diferente, o MinC tenta trabalhar as questões culturais em todas as dimensões, levando em conta seus valores simbólicos, descritivos e econômicos. A título de curiosidade, coloco aqui a descrição das dimensões da cultura pelo próprio ministério, em sua apresentação:

> A dimensão simbólica aborda o aspecto da cultura que considera que todos os seres humanos têm a capacidade de criar símbolos que se expressam em práticas culturais diversas como idiomas, costumes, culinária, modos de vestir, crenças, criações tecnológicas e arquitetônicas, e também nas linguagens artísticas: teatro, música, artes visuais, dança, literatura, circo, etc.
> A dimensão cidadã considera o aspecto em que a cultura é entendida como um direito básico do cidadão. Assim, é preciso garantir que os brasileiros participem mais da

[12] Os dados foram retirados do sítio oficial do Ministério da Cultura, em 2017.

> vida cultural, criando e tendo mais acesso a livros, espetáculos de dança, teatro e circo, exposições de artes visuais, filmes nacionais, apresentações musicais, expressões da cultura popular, acervo de museus, entre outros.
> A dimensão econômica envolve o aspecto da cultura como vetor econômico. A cultura como um lugar de inovação e expressão da criatividade brasileira faz parte do novo cenário de desenvolvimento econômico, socialmente justo e sustentável (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2017).

Embora tenham uma breve descrição, essas dimensões descritas pelo MinC representam praticamente tudo o que se pode esperar da pasta da cultura em um país. Entretanto, não há registros de como ocorre essa articulação entre as três dimensões da cultura, há apenas informações sobre as secretarias e órgãos que compõem o MinC. Sequer é possível saber como ocorre o trabalho com cada dimensão cultural dentro do ministério, por meio do seu sítio. Por casualidade, enquanto eu estudava o MinC, o atual Ministro da Cultura Sérgio Sá Leitão, concedeu uma entrevista ao programa *Roberto D'Ávila Entrevista*[13], na qual ele elucida algumas questões que nos ajudam a compreender o funcionamento do MinC, mas, antes, gostaria de transcrever a resposta dada ao entrevistador, Roberto D'Ávila, ao ser questionado sobre o que ele considera cultura:

> Olha, Roberto, acho que cultura é o que eu, você, os telespectadores e todos os cidadãos chamam de cultura. Quer dizer que não cabe ao Estado definir o que é cultura e o que não é cultura, nem muito menos cabe ao Estado produzir cultura. Cultura é algo que pertence essencialmente ao campo da sociedade civil e dos indivíduos. Acho que cultura no sentido de produção cultural, ou seja, bens e serviços, baseados na criatividade das pessoas, na sensibilidade das pessoas, é uma atividade que tem crescido, se multiplicado, se diversificado enormemente não só no Brasil, mas no mundo. E há, também, cultura entendida mais no seu sentido antropológico, ou seja, como um conjunto de modos de ser, de pensar, de viver e de se relacionar de uma sociedade. Nos dois casos, eu reitero aqui, nós temos que prezar pela mais ampla liberdade de expressão, de criação e de manifestação, porque isso é fundamental para que tanto a produção cultural como a cultura, entendida no seu sentido mais amplo, de país, possa florescer e ter o maior impacto possível em termos sociais e também econômicos (SÁ LEITÃO, 2017).

Ao responder sobre a cultura, o Ministro expõe a importância da cultura de bens e serviços que trazem frutos para a economia do país. Ao falar da diversidade das regiões brasileiras, ele diz que "essa diversidade é, inclusive, o que nos dá potência, intensidade nessa área, que faz com que a cultura seja um dos principais ativos do Brasil. Precisamos incentivar, promover e até rentabilizar financeiramente" e "nós adotamos, no Ministério, essa expressão "economia criativa" para definir todas as atividades econômicas que têm como base a cultura e a criatividade humanas" (ibid., 2017). A cultura, na visão do ministro é um "ativo". Ao longo

[13] Entrevista do Ministro da Cultura Sérgio Sá Leitão a Roberto D'Ávila, na Globo News, dia 11 de outubro de 2017.

de toda a entrevista nenhuma resposta foi dada sem que a economia não estivesse presente, o que traz a ideia de que a mais trabalhada dimensão da cultura no MinC é a econômica, como eu pensava.

Entendo que a cultura é, também, um importante gerador de renda – lembro das viagens que fiz e quis contribuir com o mercado da cultura local adquirindo a sua arte –, e impulsiona as economias locais, regionais e nacionais – importante lembrar que filmes, música, livros são bens culturais de consumo, como tantos outros. A crítica que Matellart e Neveu fazem da comercialização da cultura está ligada aos movimentos da globalização que "educam" os indivíduos a consumir os bens culturais "globalizados", tentando impor um modo de vida global e desconsiderando suas diferenças.

Enquanto a elite hegemônica tenta impor uma cultura global, na contramão desse movimento, grupos antiglobalização e movimentos sociais têm como centro a luta pela cultura e diversidade cultural, já que a cultura não é um bem comum como outros bens "compráveis", não pode toda a cultura ser considerada como uma *commodity*, como o petróleo, por exemplo. Esses grupos lutam para que a cultura seja considerada um bem público, comum a todos. Esse é um dos motivos pelos quais Matellart e Neveu, pensando os estudos culturais, propõem alguns caminhos para a cultura.

O primeiro deles seria "reatar com o materialismo cultural explorado por E. P. Thompson e R. Williams, articular a fineza das topologias do simbólico aos princípios da realidade que são o sociológico e o econômico" (MATELLART e NEVEU, 2004, p. 198). O segundo seria romper com os padrões teóricos e objetos de rotina que tratamos na academia, o que leva, finalmente, ao terceiro, que seria "abrir-se ao *aggiornamento*[14] das linhas e fronteiras disciplinares que tanto a evolução do mundo como a dos territórios universitários requerem" (ibid., p. 198). O último caminho proposto pelos autores é o que fazem (ou tentam) os teóricos que se filiam aos estudos culturais: eles dissolvem as barreiras disciplinares ao utilizarem várias áreas do conhecimento em seus estudos, irrompendo os paradigmas de pesquisa tradicionais.

Roland Barthes também explora na cultura uma forma de subversão à ordem imposta pelas elites. Para ele, é difícil fazer reflexões sobre a cultura da forma como as sociedades estão colocadas hoje. Além disso, ele tem repulsa pelo senso comum ("doxa"), que leva à falta de reflexão e passa, inevitavelmente, pela linguagem. A doxa é prejudicial ao pensamento

[14] *Aggiornamento* é um termo italiano que significa "atualização". Acredito que a preferência dos autores em utilizar o termo em italiano, e do tradutor do livro em mantê-lo, seja por uma questão simbólica, pelo fato de que esta palavra foi a orientação chave dada como objetivo para o Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII em 1962, e significa a adaptação e a renovação dos princípios católicos ao mundo atual e moderno, passou a ser um "conceito para a igreja católica" (COMBLIN, 1985 e CALDEIRA, 2008).

libertador, porque desrespeita as possibilidades de expressão e sentido contraculturais. É na contracultura que ele vê saídas que podem levar a linguagens expressivas de forma a permitir que as minorias também possam se expressar. Barthes acha imprescindível que os movimentos da contracultura façam esforços para teorizar (um esforço de inteligência), porque na sociedade atual a teoria é "a arma subversiva por excelência" (2004, p. 213). Ele dá o exemplo da arte conceitual, que tem por objetivo destruir os objetos tradicionais – um quadro, uma escultura –, ao mesmo tempo em que produz textos teóricos inteligíveis. É no niilismo que Barthes enxerga parte das tarefas atuais da contracivilização, é nele que a linguagem pode ser refletida e enunciada:

> [...] minha convicção profunda [...]é que tudo é linguagem, que nada escapa da linguagem, que a sociedade inteira é atravessada, penetrada pela linguagem. Portanto, em certo sentido, tudo é cultural, é impossível praticar uma não-cultura. A cultura é uma fatalidade a que estamos condenados (BARTHES, 2004, p. 214).

Somente a "reflexividade", que Barthes associa à elaboração teórica, pode mobilizar a cultura; do contrário, continuaremos situados na "cultura de massa", que se desenvolve com a cultura pequeno-burguesa tentando copiá-la.

Ficou suspenso, na introdução deste trabalho, o diálogo sobre arte e cultura. O leitor deve lembrar da citação de Teixeira Coelho na qual ele faz menção a um personagem de Godard, que diz que "a cultura é regra e a arte é exceção"[15]. Por já ter apresentado a história da cultura e as ideias que considero importantes ao estudar, hoje, a cultura, vejo a importância de fazer a discussão com Coelho, neste momento, em que chego ao final deste capítulo. O diálogo que estabeleço com Coelho é estritamente entre a arte e a cultura, conceitos impossíveis de serem definidos, apenas me permito traçar caminhos para discutir a arte e a cultura.

Coelho discute a cultura contrapondo-a com a arte, em um capítulo específico do livro *A cultura e seu contrário*. Ele diz que a cultura era vista como um campo de conflito até a segunda guerra mundial e, depois, passou a ser vista somente na sua forma positiva, na qual a cultura tudo poderia em razão do social. Em outras palavras, ele considera que a cultura já teve, ao longo da história, um caráter deslocador dos sujeitos, mas que atualmente, o que se observa é a "domesticação da cultura" (2008, p. 10), já que, para ele, a cultura não é, hoje, confrontada com nada, nada contraria a cultura.

Ele cita Freud e diz que suas anotações foram esquecidas pelos estudiosos da cultura, porque "assim como cada indivíduo é virtualmente um inimigo da cultura, como propôs o

[15] A citação está localizada na p. 9.

fundador da psicanálise, do mesmo modo a cultura [...] é uma adversária do indivíduo e da sociedade" (ibid., p. 11). Neste sentido, também trouxe Freud a este trabalho, neste mesmo capítulo, por acreditar que suas ideias sobre a cultura continuam atuais, especialmente no que se referem aos processos desestabilizadores provocados pela cultura.

Coelho, antes de realizar o contraponto entre arte e cultura na contemporaneidade, admite que a cultura teve seu caráter transgressor no passado, mas nota que, hoje, a cultura tem sido tratada a partir de sua dimensão exterior, ignorando sua vivacidade. Por enxergar a cultura de forma viva, não regulada, me oponho a essa ideia de Coelho. No entanto, Coelho precisava deslocar a cultura para poder opô-la à arte. Nesse sentido, cabe tentar sublinhar algumas dessas relações de oposição que ele faz para descrever cultura e arte e discuti-las aqui.

O autor considera que a cultura nasce de uma necessidade, enquanto a arte nasce do desejo. Se voltarmos um pouco neste capítulo, veremos que Freud disse que a sociedade só existe por causa cultura. Nesse sentido, a cultura é, sim, necessária à humanidade, ao passo que a arte não é necessária à sobrevivência humana, por isso pode ser fruto do desejo, muito embora a arte tenha um espaço muito especial na vida de quem a aprecia.

Outro aspecto que remete à ideia de Coelho de que a cultura é normativa, é quando ele diz que "uma obra de cultura que é útil e comunicativa tem a finalidade social de reconfortar [...]: cultura traz estabilidade para a comunidade" (ibid., p. 133), enquanto a arte tem a finalidade de deslocar, de chocar e fragilizar. Ora, compreendo que a arte, especialmente a contemporânea, tenha o dever de mobilizar os sujeitos de forma que construam novas reflexões; acredito que a cultura tem a mesma finalidade. Pode-se até advogar que as comunidades culturais, nossos espaços de pertença, possam nos confortar, mas a cultura é tão descentralizada, que os espaços de conforto que ela oferece são mínimos. Bem ao contrário, se a cultura tivesse, atualmente, essa característica, não teríamos tantos problemas de intolerância política e religiosa, que são frutos das culturas – não da arte – e discursos das elites. Coelho diz que "a arte exige algo que o cultural em princípio desconhece: competência" (ibid., p. 130), o que é o contrário que Barthes fala dos movimentos de contracultura, em que a arte como manifestação cultural nos lembra que precisamos teorizar instabilizando as estruturas pequeno-burguesas de cultura de massa. Barthes assume, assim como eu, que nós precisamos usar nossa inteligência e competência a serviço de novas narrativas que abandonem a cultura de massa que não reflete e não se liberta, essa cultura imposta que tenta normatizar as comunidades socioculturais.

O aspecto da cultura como sendo reiterativa e acolhedora e da arte como destruidora e indiferente, é outro aspecto que pode ser contestado a partir do que entendo como cultura,

linguagem e narrativas. Nem cultura se perpetua completamente, nem arte destrói completamente. Explicando melhor, tanto a arte quanto a cultura resultam em (e são resultados de) enunciados que estão diretamente ligados aos contextos[16], às histórias singulares dos atores envolvidos, portanto, irrepetíveis. Discutindo as ideias do Círculo de Bakhtin, Brait e Melo falam sobre o enunciando e as questões que o envolvem:

> [...] o enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente, o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal que integram a situação e, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto maior histórico, tanto no que diz respeito a aspectos (enunciados, discursos, sujeitos etc.) que antecedem esse enunciado específico quanto ao que ele projeta adiante [...]. (2005, p. 67)

Assim, a cultura não pode ser vista como "repetível", porque os indivíduos que vivenciam as culturas nunca se repetem, nem ao repetir uma sentença já proferida antes: de acordo com o contexto, os atos de enunciação adquirem novos sentidos, é ressignificado. Da mesma forma, a arte não pode ser indiferente. Coelho diz que "a arte não se preocupa com comunicar coisa alguma: a arte *expressa*" (2008, p. 130), pois, os vocábulos comunicar (que ele atribui à cultura) e expressar (atribuído à arte) possuem, de fato, significações distintas. No entanto, ambos dependem de uma resposta[17] do interlocutor, estabelecem um diálogo; então, dizer que a arte é indiferente seria, no meu entendimento, tratar a arte como outra coisa que não a própria arte. A arte não é indiferente, quando desestabiliza (como o Queermuseu) a tal ponto de as pessoas se revoltarem contra ela, de irem de encontro a ela de tal forma a proibi-la. Encontro minhas ideias próximas às de Favaretto, ao escrever que "o ato criador não é executado pelo artista sozinho; o público estabelece o contrato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador" (2011, p. 97).

Descrevi algumas características que Teixeira Coelho coloca para dizer que a arte é exceção e a cultura é regra, mas como mencionei anteriormente – e espero que este capítulo tenha elucidado o "local" de onde eu falo de cultura –, não consigo separá-los da forma como faz Coelho, porque em muitos pontos, os referenciais teóricos a que me filio são divergentes desse autor.

Ainda assim, as ideias de Coelho contribuíram com o título desta tese. A cultura, da forma como a compreendo e assumo neste trabalho, precisa ser exceção, incomodada e

[16] Nas págs. 18-19 deste capítulo, exponho a questão do aspecto contextual da forma simbólica de cultura, a partir de Thompson.
[17] No sentido da responsividade bakhtiana, mencionada na página 25 deste capítulo.

incomodante, uma cultura que promova a reflexão e se destrua e reconstrua ininterruptamente; que tenha o mesmo princípio que a arte tem para Coelho: "desregulamentar o que existe – relativamente: tampouco a arte existe no *vazio do método*" (2008, p. 141); que não se torne um hábito – como o autor a considera –, mas seja liberta. A cultura tem que ter a função da arte (como Coelho a compreende) da forma como o imaginário de Oiticica[18] interessava-se pela função simbólica das atividades da sua arte: "[...] se cumpria quando as atividades possuíam visão crítica na identificação de práticas culturais com poder de transgressão" (FAVARETTO, 2011, p. 100), quando deslocava a ênfase do objeto-obra para o comportamento criador e para a ação ambiente, por meio de manifestações antiartísticas que confrontavam os participantes em tais manifestações.

Podemos considerar tudo o que foi escrito sobre cultura até aqui e podemos seguir investigando a cultura, problematizando-a a partir de algumas orientações sugeridas pelos autores que integram esta discussão. Esta não é (e nunca será) uma reflexão que chega a uma conclusão: os deslocamentos complexos dos seres humanos e, portanto, da cultura, não permitirão que se chegue ao fim do debate, ou a cultura estará morta, assim como a humanidade.

Nesta pesquisa, analisarei as imposições da mídia aos turistas brasileiros que viajam para fora do país. As reflexões dos autores citados vão embasar a compreensão da autoimagem do brasileiro, em especial, do turista brasileiro que, assim como indivíduos e turistas de outras nacionalidades, "compra" nas prateleiras do comércio das culturas uma série de informações culturais sem contestá-las.

É necessário lembrar, sempre, que o Brasil é um país muito complexo culturalmente: temos climas diferentes, línguas diferentes, temos uma história de colonialidade do poder, colonialidade do saber e colonialidade do ser. Temos problemas de autoestima com a parte de "fora" do país, ao mesmo tempo em que temos problemas de autoestima com os de "dentro" – frases disseminadas pelas redes sociais, como esta, comprovam: "O nordeste é a região de quem não gosta de trabalhar e só quer receber o Bolsa Família". As nossas relações com a diversidade cultural são muito tensas (lembro, novamente, do Queermuseu) e temos governantes que corroboram com as narrativas de segregação e põem em prática políticas que segregam ainda mais o nosso povo, que promovem uma inconcebível desigualdade social. O nosso contexto não é nada salutar para a promoção das culturas e das diversidades culturais e não há políticas que auxiliem na construção de um espaço de diálogo, reflexão, interstício, hibridismo (para

[18] Hélio Oiticica foi um artista que buscou superar a noção do objeto dialogando com a teoria do não-objeto. Menciono o artista porque o artigo que cito de Favaretto faz muitas referências à sua obra, como forma de exemplificar os descolamentos na arte, na cultura e na vida.

utilizar as palavras dos autores que citei), essencial à cultura e "[...] descobrir e trabalhar nos interstícios (na falha, na brecha) do vazio. Na linguagem, no pensamento e na arte, trata-se de assumir as coisas em sua singularidade, e ao mesmo tempo em sua literalidade, na forma" (FAVARETTO, 2011, p. 103).

Um dos nossos problemas – que são muitos – é que não temos políticas culturais que deem conta da nossa diversidade, que transcende o tamanho continental do nosso país, como, por exemplo, o multiculturalismo. Para alguns autores, o multiculturalismo é tratado como política cultural, no entanto, ele é considerado por alguns "simplesmente como uma característica de sociedades com diversas raças e costumes, a exemplo do Brasil, ainda que não se constitua em política oficial" (SPÍNOLA, 2016, p. 105).

Spínola considera o multiculturalismo como uma política oficial, é uma resposta política às diversidades culturais, de gênero, étnicas, religiosas por meio de mecanismos institucionais. É um movimento que vai de encontro ao assimilacionismo, que tende a tornar (ou querer tornar) homogênea a cultura da sociedade (Coelho vê a cultura atual sendo domesticada de forma a homogeneizar os grupos), desconsiderando a existência dos diferentes grupos sociais. As pessoas que apoiam o multiculturalismo como política oficial defendem que quando as diferenças sociais e culturais são consideradas, diminuem-se as desigualdades (SPÍNOLA, 2016).

O multiculturalismo busca o convívio, não a solução, dos conflitos próprios das diferenças culturais. Talvez seja esse o caminho que nos conduzirá a buscar mediações dentro da complexidade da cultura, a deixar de lado nossas narrativas colonizadas. Essa literatura apresentada nos conduzirá, nos próximos capítulos, no movimento de compreensão e (por que não?) transgressão das culturas. No capítulo seguinte, apresento os encontros culturais, forjados nas diferenças, entre brasileiros e estrangeiros que visitaram o Brasil. Encerro este parafraseando Bohn (2013) quando ele diz que é provável que a resposta que mais contribua para a questão da cultura seja a leveza como facilitadora das rupturas e o entendimento de que a casa como um porto seguro seja apenas um lugar de contemplação.

2 EU O OUTRO, O OUTRO E EU

É necessário sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós.
José Saramago[19]

No capítulo anterior, o leitor pôde acompanhar brevemente a evolução do termo cultura em diferentes áreas do conhecimento. Também expus como penso e uso a cultura neste trabalho e fora dele. Só para lembrá-lo, leitor, a cultura é a prática por meio da qual eu, você e todas pessoas podemos significar. Um objeto ou um momento será cultural sempre que pudermos atribuir/construir significado a partir dele, podendo ser desestabilizador, livre, acolhedor. Atualmente, o que é considerado comestível, por exemplo, está mudando para muitas pessoas que aderem ao vegetarianismo e ao veganismo, porque novos critérios políticos (direito dos animais) e ambientais constroem as práticas alimentares de veganos e vegetarianos. Assim, as pessoas são livres para pautar sua alimentação de acordo com seus próprios critérios, sendo desestabilizador comer carne e vestir peças de couro natural, para quem atua em defesa dos animais, ao mesmo tempo, as pessoas que se alimentam de proteína animal, sentem-se confortáveis com sua escolha.

Ao citar Matellart e Neveu[20], escrevi que a alteridade é desrespeitada quando os detentores do poder e do capital tentam impor uma cultura global homogeneizada, com o intuito de obter lucros e estabelecer uma ordem global. A alteridade é um princípio muito caro às culturas e às identidades. Não existe forma de olhar responsavelmente para as culturas sem levar em consideração o fato de que nos "vestimos" por meio da alteridade ou, como disse Saramago (1993), só conseguimos ver a ilha quando dela nos afastamos.

Reitero que a cultura não existiria se vivêssemos isolados, pois é necessário que haja uma relação entre um Eu e um Outro para que a cultura possa existir e ser colocada em questão. Freud disse que o maior êxito da cultura foi proporcionar a vida em comunidade[21], porque é essa relação de alteridade (outridade) que nos permite sermos seres culturais.

O contato com o Outro pode suscitar as mais diversas reações e questionamentos sobre como ele atua, se desloca e pode ser percebido. Imaginemos que o Outro chega em uma nova comunidade – ele pode ser visto como alguém ameaçador, porque é diferente, ou como alguém que veio agregar novidades (culturais) positivas para a comunidade:

> Antes de nos interrogarmos sobre a maneira como "o Outro" (conforme ele se faça de urso, camaleão, esnobe ou dândi) assume, mascara, renega ou exalta a alteridade que

[19] *O conto da ilha desconhecida*, 1993, p. 42.
[20] Capítulo 1, p.26.
[21] Capítulo 1, p. 21-22.

> supostamente o define, dedicamo-nos a dar conta da diversidade das posturas a partir das quais o "*Um*" – Sr. Todo Mundo – se pensa a si mesmo, em função da maneira como apreende e, por conseguinte, como trata a alteridade, real ou suposta, daqueles que lhe servem para construir por diferença sua própria identidade (LANDOWSKI, 2012, p. 48).

Há dois caminhos possíveis quando pensamos na alteridade como constituição de identidades e culturas. O primeiro consiste na necessidade de que uma parcela da comunidade reconheça que há um certo estranhamento, sem que se exclua o indivíduo "diferente", considerado como parte do grupo, ainda que seja estranho a ele. O outro caminho acontece quando a comunidade vê no outro um complemento salutar para seu grupo, admitindo que a presença desse "estrangeiro" possa contribuir com o crescimento cultural e identitário da comunidade. Entretanto, para que esse "outro" não se torne "o mesmo" (pensando no mesmo da comunidade), ele precisa se manter diferente ao grupo e não se fundir a ele; assim, as características distintas estarão em contato, mas permanecerão diferentes, porque a identidade também "é marcada pela exclusão" (WOODWARD, K., 2007, p. 9).

Ao refletir sobre a alteridade, sempre me vem à memória a história de uma comunidade da periferia urbana de Winston Parva[22], na Inglaterra, contada por Norbert Elias e John L. Scotson e analisada por eles (2000). Os moradores de "famílias antigas" da cidade acreditavam que eram "superiores" aos indivíduos da comunidade vizinha, que foram habitar a cidade para trabalhar. A população original da cidade – o *establishment*[23] – só conversava com os recém-chegados sobre assuntos profissionais; nenhum outro tipo de interação poderia existir com seres – pensavam os estabelecidos – inferiores. Pouco a pouco, os *outsiders* passaram a se resignar com a sua condição imposta pela sociedade que acreditava ser superior. Os grupos detentores de poder nas sociedades impõem regulações e controles comunitários, o que significa manter o mesmo e afastar o diferente.

No caso da cidade inglesa, havia uma segregação a partir do tempo em que a pessoa vivia na cidade: os mais antigos e os mais recentes. Esses eram os símbolos que produziram as

---

[22] Winston Parva é o nome fictício dado por Elias e Scotson à pequena cidade próxima a Leicester, na Inglaterra, que serviu como base de um estudo. A pesquisa desenvolvida pelos autores na década de 1950 resultou na publicação *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder*, a partir de uma pequena comunidade. A primeira edição dessa investigação foi publicada em 1965.

[23] *Established* e *establishment* são os termos em língua inglesa que se opõem à palavra o*utsiders* – palavras usadas por Elias e Scotson. A palavra *establishment* designa pessoas ou grupos que têm posições de poder e prestígio social, "os *established* fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros" (NEIBURG, 2000, p. 7) e os *outsiders* são os membros que não fazem parte desta sociedade privilegiada, são excluídos dela e inferiorizados pelos *established*. Em português, a tradução do título do livro de Elias e Scotson mantém a palavra *outsiders* em inglês (o termo pode ser traduzido por *forasteiros*) e traduz para *estabelecidos* o vocábulo *established*. A identidade social de quem não pertence aos estabelecidos é vista como uma identidade de um grupo, motivo pelo qual o termo *outsiders* é sempre colocado no plural pelos autores.

diferenças e as identidades nessa cidade, o que mostra que "a construção da identidade é tanto simbólica quanto social" (WOODWARD, K., 2007, p. 10). Os primeiros acreditavam que, de fato, seus costumes e valores eram melhores que os dos novos habitantes, considerados por eles como grupos inferiores. Isso é possível porque há um processo de homogeneizar o Outro através de uma narrativa que o condena e o inferioriza: "Um grupo só pode estigmatizar o outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído" (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 23). Esse breve relato sobre Winston Parva pode ser estendido a qualquer grupo ou cidade tanto no que se refere às relações de poder quanto aos estranhamentos que acontecem a partir do encontro com o Outro.

Esse exemplo nos aponta para as marcações simbólicas que estabelecem as diferenças entre culturas. Kathryn Woodward (2007) diz que a partir das marcações simbólicas, os indivíduos dão sentidos às práticas sociais e suas relações. As diferenças são vividas porque os grupos sociais possuem seus sistemas de classificação da diferença. No caso de Winston Parva, os estabelecidos tinham, por exemplo, a classificação do nativo e do estrangeiro para situar as diferenças:

> Nas relações sociais essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos (ibid., p. 40).

Não há como se furtar de falar em representação ao tratar de alteridade e diferença, porque é a partir das representações que ocorrem as práticas de significação e nos posicionamos como sujeitos. Em outras palavras, é a representação que conecta o sentido da linguagem às culturas. Hall (2016) vai dizer que, inicialmente, a representação significa utilizar a linguagem para, de forma inteligível, expressar o mundo ou representá-lo para outras pessoas, mas isso é apenas um começo: "Representação *é* uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e partilhados pelos membros de cultura. Representar *envolve* o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos" (2016, p. 31).

Para Hall, a representação é bem mais complexa que qualquer conceito que possa ser dado a ela. Para chegar a algumas considerações pertinentes acerca do tema da representação, ele reúne seus estudos em duas versões do construtivismo. Na primeira, ele pensa em como "*linguagem* e *significação* (o uso dos signos na linguagem) funcionam para produzir *sentidos*, que depois de Saussure e Barthes nós chamamos de *semiótica*" (2016, p. 110); a segunda versão

construtivista analisada por Hall é a que segue Foucault, que se concentrou em como "*o discurso* e *as práticas discursivas* produzem conhecimento" (2016, p. 110).

Hall propõe uma série de exercícios de análise para compreender a representação nessas duas abordagens. Ao final, ele assume que ambas as abordagens servem para compreender a representação e apresenta suas críticas e elogios a elas; sua preocupação é que devemos levar em consideração que a representação, independentemente da abordagem escolhida, simboliza alguma coisa. Um dos exemplos que ele traz é em relação à representação da cruz no cristianismo, que representa o sofrimento e a crucificação de Cristo:

> A cruz consiste simplesmente em duas tábuas de madeira dispostas perpendicularmente, mas, no contexto da fé e do ensinamento cristãos, ela se investe, simboliza ou passa a representar uma gama maior de sentidos ou significados sobre a crucificação do filho de Deus – e este é um conceito que podemos colocar em palavras e imagens (ibid., p. 33).

Esse exemplo nos lembra que a representação não é uma realidade concreta, é uma tradução da realidade, assim como "a cultura é uma tradução do mundo em significados, não é o reflexo da realidade" (PESAVENTO, 2006, p. 46). Nesse sentido, podemos pensar a questão não apenas das traduções de um grupo cultural, mas das traduções que cada sujeito faz, individualmente, da sua realidade.

As representações são responsáveis pela presença das culturas, porque os indivíduos, ao elaborarem ideias e as traduzirem em práxis social, orientam sua visão sobre a realidade. Pesavento afirma que as representações são as presenças das ausências que levam os representantes e representados a estabelecer relações de distanciamento e aproximação: "ação humana de *re-apresentar* o mundo – pela linguagem e pela forma, e também pela encenação do gesto ou do som –, a representação dá a ver e remete a uma ausência. É, em síntese, 'estar no lugar de'. [...] de *ser* e *não ser* a coisa representada" (2006, p. 49).

O clássico quadro do pintor surrealista belga René Magritte "A traição das imagens"[24], em que ele pinta um cachimbo e escreve abaixo "Isto não é um cachimbo"[25], é um exemplo perfeito da ambiguidade que caracteriza o conceito de representação. Pesavento lembra que a ambiguidade dentro do imaginário não é o contrário do real, mas um outro real e que "o imaginário existe em função do real que o produz e do social que o legitima, existe para confirmar, negar, transfigurar ou ultrapassar a realidade" (2006, p. 50). Compreender as representações é importante na medida em que as culturas, as identidades e, especialmente, as

[24] La trahison des images.
[25] Ceci n'est pas une pipe.

diferenças e as alteridades (que estão sendo trabalhadas neste capítulo) resultam das representações individuais e coletivas, ainda mais no momento atual, em que as fronteiras geográficas são apagadas pelo mundo virtual que permite acessar qualquer país do planeta sem a necessidade de vistos ou passaportes.

Emerge, então, a necessidade de pensarmos a alteridade de forma mais abrangente, entre nações e sociedades. É fundamental que renovemos e alteremos, como grupos sociais, nossa forma de pensar sobre as questões de gênero, identidades, culturas e raças. Tais questões, ao longo da história, foram e ainda são os gatilhos que servem de motivação para o início de conflitos e guerras.

Nesse sentido, Janet M. Paterson estabelece a importância de um "pensamento da alteridade" ("thinking of alterity" ou "une pensée de l'altérité"). A autora acredita que o termo francês é mais claro e evocativo que o termo em inglês, o que permitiria pensarmos a alteridade de forma a trazê-la à nossa consciência, já que, frequentemente, as alteridades são tratadas como se estivessem separadas das nossas identidades e consciências. Para a autora, "alteridade implica um processo cognitivo (e, muitas vezes, ideológico) que se manifesta dentro do sujeito e consequentemente dentro da sociedade. Visto que a alteridade está na raiz das guerras, do racismo e da discriminação, é imperativo que ela seja reconceitualizada" (PATERSON, 2007, p. 15).

Essas relações de outridade, que são cognitivas, ideológicas, identitárias e culturais, se manifestam por meio da linguagem e é nessa área que Rajagopalan[26], em sua palestra que abriu o evento CIELIN (Conferência Internacional de Estudos Linguísticos), afirmou que o "racismo invade diretamente o nosso conceito de língua" (2017), corroborando a ideia de Paterson sobre o "pensamento de alteridade" quando argumenta que, se a alteridade não for revista, os grandes conflitos que temos entre as sociedades serão perpetuados.

Também consoante as ideias de Paterson, agora no que se refere a questões de consciência na alteridade, Moraes discute a alteridade da perspectiva do estrangeiro:

> A questão da alteridade (no cerne da categoria mais ampla da estrangeiridade) é posta aqui em múltiplos sentidos, não só a partir da visão que se estabelece sobre o Outro (o estrangeiro, o imigrante, o exilado, o visitante), mas também pela tomada de consciência da existência do Outro em si mesmo, e da própria rearticulação do olhar em direção àquele Outro (que já fora o "si") do qual esse "si" não mais se sente parte (MORAES, 2016, p. 55).

[26] Kanavilil Rajagopalan, "Why linguistics needs to reinvent itself", conferência proferida na abertura do evento CIELIN, Brasília, em outubro de 2017.

É possível perceber que a alteridade e a identidade são indissociáveis. A distinção entre diferença e alteridade é que permite a relação identidade-alteridade. Posto de outra forma, a diferença nos permite distinguir as cores, os sexos, as temperaturas, mas "é a atribuição de características (ou marcas) semânticas à diferença que produz a alteridade" (PATERSON, 2007, p. 16). Um bom exemplo mencionado por Paterson é a diferença entre a mulher e o homem. Pode-se dizer que o homem é "igualmente diferente" da mulher. É inquestionável que biologicamente mulher e homem sejam diferentes. Quando algumas sociedades – e isso já aconteceu no Brasil até o século passado – dizem que a mulher é inferior ao homem e, por esse motivo, não precisa ser educada, não deve votar, não pode dirigir motocicletas ou não pode mostrar o rosto, temos nesse caso a *construção* da alteridade e não a marcação da diferença. Esses processos de alteridade estão sempre ligados às questões de poder e são impostos pelos grupos dominantes. Parafraseando Bourdieu (1980), só aqueles que têm autoridade legítima (conferida pelo poder) podem impor definições sobre si mesmos e os outros.

As relações entre Eu/Outro, Nós/Eles fazem parte de categorias das identidades culturais que se apoiam nas diferenças. Nesse sentido, Cuche vai dizer que "a identidade existe sempre em relação a uma outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética. A identificação acompanha a diferenciação" (2002, p. 183). Em alguns casos, essas relações baseadas nas identificações e diferenciações, inevitavelmente segregam grupos e os levam à condição de subalternidade, porque ainda que "no processo de identificação o principal é a vontade de marcar os limites entre 'eles' e 'nós'" (2002, p. 200), quem tem o poder mantém-se (pelo menos se considera) "superior", como aconteceu em Winston Parva.

Morin contribui no entendimento da alteridade, quando afirma que "nenhum indivíduo pode dizer Eu em meu lugar, mas que todos os outros podem dizer Eu individualmente" (2005, p. 75). O Outro, para ele, vai comportar a estranheza e a semelhança: a primeira porque somos individualmente singulares e temos diferenças étnicas; a semelhança decorre do fato de que temos traços humanos e culturais comuns. Independentemente de termos essa relação paradoxal com o Outro, o Outro é imprescindível para o Eu: "A necessidade do outro é radical: mostra a incompletude do Ego/Eu sem reconhecimento, amizade, amor" (ibid., p. 79).

O Outro pode ser o indivíduo que está ao nosso lado, pode ser a população do bairro vizinho, as pessoas de outras nacionalidades ou infinitos grupos que se diferem daqueles aos quais pertencemos. O Outro se origina em nós mesmos, é "virtual em cada um e deve atualizar-se para que cada um se torne si mesmo" (ibid., p. 78). Na relação consigo mesmo, cada um de nós carrega "um *alterego* (eu mesmo-outro), ao mesmo tempo diferente e idêntico ao seu"

(ibid., p. 78). Assim, o indivíduo (re)escreve sua constituição como tal, a partir das confrontações que sofre com as alteridades.

A origem do outro em nós mesmos, construída nas formas como percebemos o Outro ou apreendemos as alteridades, não permite que as nossas próprias diferenças internas se acomodem, mas, ao contrário, elas mantêm os deslocamentos e tensões no interior de nós mesmos. Com esse entendimento, o sujeito sempre cindido, deslocado, acaba por estar sempre em movimento em si mesmo e essa mobilidade acaba refletindo em uma instabilidade enunciativa, uma inconstância que igualmente caracteriza as culturas:

> [...] o enunciador ou o narrador dessa história e dessa memória que dele configuram a identidade, ou o que Ricoeur chama de *ipseidade* (*ipse*) [...] que encarna o *tornar-se* próprio a toda subjetividade. *Torna-se* si, bem mais do que se *é*, e esse "tornar-se" é uma narrativa da qual não se é apenas objeto ou o ator principal, mas também o sujeito enunciador, na medida em que *se* o faz a si mesmo como aos outros, essa narrativa, de que se é aquele que narra tanto quanto o narrado, o sujeito que enuncia tanto quanto o sujeito enunciado (OUELLET, 2013, p. 153).

As identidades que designam o indivíduo são convergentes e divergentes com relação à sua própria história, porque ele se altera a partir das identificações com o outro, ao mesmo tempo em que se identifica pelas diferenciações do outro (si mesmo). Os contatos interculturais correspondem aos meios pelos quais os indivíduos se constroem identitariamente e, assim, é possível dizer que em toda a construção/constituição identitária o indivíduo se faz e se refaz, ainda que as alteridades que o constituem se desloquem no seu próprio imaginário.

Ouellet vai dizer que a enunciação é o que "coloca à prova e à distância" ao mesmo tempo do si e do outro: "eu me desfaço de mim e me faço outro desde que eu tome a palavra, mesmo que seja para falar de mim mesmo no distanciamento do *eu* que encarna então esse *mim*, cujo desvio é só ilusoriamente reduzido pela palavra *mesmo*" (ibid., p. 155). A perda do "si" não libera o sujeito das suas histórias, mas agrega uma alteridade a ele mesmo, dando-lhe outros lugares e memórias de pertencimento, deixando-o livre a tudo o que possa transformá-lo. É nesse ínterim, em que o sujeito olha a si mesmo, que o outro se revela:

> [...] a alteridade não se reduz à presença de outrem: ela é o lugar do que escapa o poder do *ego* e, em consequência, do que ele experimenta na pura passividade, mesmo em sua relação com ele mesmo ou com seu corpo, que não são mais sentidos como o território exclusivo do próprio ou da identidade, mas como uma espécie de espaço fronteiriço, altamente problemático, onde *alteridade* e *ipseidade* intercambiam-se incessantemente suas propriedades" (ibid., p. 168).

No capítulo anterior mencionei que a compreensão das diferenças leva ao respeito e à tolerância das alteridades[27]. O foco das questões não deve ser pautado nas diferenças, porque o mundo em que vivemos é repleto de diferenças: a agenda que devemos construir deve atentar à forma pela qual lidamos com todas essas diferenças, e por isso são importantes todas as discussões trazidas sobre alteridade, seja em relação ao Outro (outra pessoa) ou ao Outro (si mesmo). Por essa razão, considero importante a reflexão e reconceitualização de alteridade, discutidas por Paterson, como uma esperança de que um mundo melhor seja construído com base "no respeito por todas as diferenças, e na capacidade renovada de se reconfigurar a questão da identidade" (2007, p. 16).

Essa breve discussão sobre a alteridade, essencial à cultura e à compreensão de nós mesmos, é pertinente para o que eu pretendo apresentar a seguir: os encontros culturais, que são, inevitavelmente, frutos da alteridade e ocorrem no terceiro espaço – conforme mencionado por Bhabha (1998). Exemplos de encontros culturais que ocorreram entre brasileiros e estrangeiros no Brasil, vêm do período em que recebemos turistas vindos do mundo inteiro para os grandes eventos esportivos que sediamos nesta década: a Copa das Confederações FIFA, em 2013; a Copa do Mundo de Futebol, em 2014; e os Jogos Olímpicos, na cidade do Rio de Janeiro, em 2016.

2.1 Os estrangeiros no Brasil

É importante contextualizar as falas dos estrangeiros que revelam os interstícios que eles viveram no Brasil. Os dados deste estudo referem-se ao período de 2013 a 2017, devido ao alto número de visitantes de fora do país que estiveram aqui para acompanhar os maiores eventos esportivos do mundo e aproveitar para conhecer o Brasil.

Neste período, inúmeros veículos midiáticos realizaram entrevistas com esses visitantes para perguntar sobre o Brasil e sobre os eventos que vieram assistir. Também foram realizadas diversas reportagens que tinham como objetivo saber sobre a organização dos eventos, sobre a mobilidade urbana, as questões de violência etc. Muitos visitantes e jornalistas estrangeiros escreveram espontaneamente sobre suas impressões sobre o Brasil, na mídia estrangeira. No mesmo espaço temporal no qual situo este trabalho, casualmente, a mídia brasileira escreveu e discutiu sobre como os brasileiros devem se comportar no exterior. Talvez por ser um período em que a presença estrangeira envolveu o Brasil, os brasileiros (a mídia) tenham refletido sobre as questões de fora e de "como se portar lá fora" ou "como se comportar com os de fora".

[27] Capítulo 1, p. 23.

Os dois artigos com os quais trabalho neste capítulo – que são assinados pela mesma jornalista – tratam especificamente das curiosidades e estranhezas mencionadas pelos visitantes, ao serem perguntados sobre o que estavam achando do Brasil. É importante lembrar que é bastante difícil que um viajante não busque informações sobre o lugar de destino antes de viajar. Seja uma nova cidade, um novo estado ou um país, temos informações sobre o lugar que podem vir da mídia ou de pessoas que já o visitaram, e que acabam por se tornar nossas representações, daquele destino que ainda não conhecemos.

Por compreender que é importante olhar para os dizeres dos turistas que vou apresentar, mostrarei, como exemplo, um artigo que fala sobre o que as pessoas devem saber antes de virem ao Brasil, para que nós possamos comparar as representações e os imaginários que são criados pelos visitantes sobre o Brasil e os encontros que acontecem, de fato, ao chegarem no país.

A rede CNN (Cable News Network), considerada o maior canal de notícias do mundo, publicou uma reportagem intitulada "10 coisas para saber antes de viajar ao Brasil"[28], escrita pelo jornalista Joe Robinson, no período da Copa das Confederações FIFA 2013. Por se tratar de um meio de informação bastante conhecido pelo mundo todo, a CNN pode ter contribuído com algumas representações criadas pelos visitantes sobre o nosso país antes de virem ao Brasil. A CNN é uma emissora norte-americana de televisão que foi a primeira a ter uma programação de notícias 24 horas por dia e o primeiro canal exclusivamente jornalístico dos Estados Unidos. No site da CNN encontramos as notícias veiculadas pela televisão e artigos escritos por seus jornalistas. Escolhi como exemplo de representação veiculada pela mídia estrangeira o da CNN, pelo alcance da rede no mundo. No mesmo período em que esse artigo foi publicado, inúmeros veículos midiáticos também escreveram suas representações sobre o Brasil e os aspectos que consideraram pertinentes para os turistas sobre o país.

Joe Robinson começa seu artigo dizendo que o Brasil é o país sobre o qual a maior parte do mundo pouco sabe. Na sequência, ele lista as dez coisas que as pessoas devem saber sobre o Brasil: 1) Não existem introvertidos no Brasil. 2) O inglês não é amplamente falado. 3) As barracas de suco são maravilhosas. 4) O Brasil é um universo ao ar livre. 5) Existe um abismo entre ricos e pobres. 6) Uma de suas maiores cidades está no meio da Amazônia. 7) Festas são importantes. 8) O ritmo é tudo. 9) Beijar estranhos é comum. 10) A piranha não vai te comer se tu caíres em um Rio da Amazônia[29] (ROBINSON, 2013).

---

[28] "10 things to know before visiting Brazil".

[29] 1) There are no introverts in Brazil. 2) English isn't spoken widely. 3) The juice bars are amazing. 4) Brazil is an outdoor world. 5) There's an enormous gap between rich and poor. 6) One of its biggest cities is in the middle of the Amazon. 7) Parties are important. 8) Rhythm is king. 9) Kissing strangers is customary. 10) Piranha won't eat you if you fall in an Amazon river.

O leitor, assim como eu, deve ter elaborado alguns itens para complementar essa lista ao lê-la. É provável que ao pensar sobre o que nos representa como brasileiros – é um convite que faço ao leitor –, muitas das questões colocadas por Robinson não sejam significativas para a maioria de nós. Na questão número 1, o jornalista fez uma generalização sobre o povo brasileiro; há, sim, introvertidos no país. Talvez, ao visitar o Brasil, Robinson tenha conhecido somente pessoas extrovertidas ou – o mais provável – esteja sendo intencionalmente taxativo para suscitar ou alimentar o debate. Ele ainda comenta essa afirmação, dizendo que a única forma de encontrar alguém introvertido é por meio de um detetive particular. Entendo que talvez ele tenha se equivocado com o termo usado para qualificar os brasileiros porque é bastante comum os estrangeiros serem recebidos de forma muito alegre e receptiva aqui no Brasil.

Sobre a frase de número 4, Robinson fala que o clima tropical do Brasil convida a realizar atividades ao ar livre: "dos cafés de calçada do Rio aos churrascos de quintal, a praias da extensa costa brasileira, até o interior selvagem, o Brasil é um lugar para se estar ao ar livre"[30] (2013). Ele comenta, ainda, sobre outros lugares como o Pantanal e a Amazônia, bastante convidativos para se estar fora dos espaços fechados. Essa representação sobre o Brasil não é falsa ou mentirosa, é parcialmente verdadeira, já que há uma parte do país que é de clima subtropical e aproveita apenas durante curtos períodos a vida ao ar livre. O Eu, lembremos, é um histórico da existência cultural e psíquica[31] e, ao ler o artigo, percebi que o jornalista não esteve na região sul do Brasil, e por isso desconhece que parte da população vive a maior parte do ano em espaços fechados, por causa dos ventos e do frio.

Sobre a última afirmativa ele diz que se uma pessoa cair num rio na Amazônia as piranhas não vão devorá-la como se vê nos filmes, que colocam cenas apavorantes com piranhas comendo seres humanos até sobrar somente seus ossos. Nesse caso, ele comenta de uma fauna presente em lugares específicos do Brasil. Por não viver próxima a rios onde haja piranhas, eu jamais pensaria em colocar esse tema como relevante em uma lista sobre o Brasil, o que restringiria a minha representação sobre o país.

O imaginário sobre os brasileiros tem em sua história o exótico como característica (as piranhas são animais exóticos, talvez por isso o jornalista não pudesse deixá-las de fora de sua lista sobre o Brasil). O exótico sobre os brasileiros começa na chegada dos portugueses ao

[30] From the sidewalk cafes of Rio, to backyard barbecues, to beaches up and down the long coast, to the wild interior, Brazil is a place to be outside.
[31] Capítulo 1, p. 20.

Brasil. A imagem dos índios desnudos, “selvagens” era exótica aos europeus “civilizados”, providos de vestimentas e artefatos que não existiam naquele Brasil de 1500.

Um século após o “descobrimento”, em 1637, chega ao Brasil o artista plástico holandês Albert Eckhout, com a incumbência de retratar o Brasil para os europeus. Ele acaba desenvolvendo uma obra de valor documental com desenhos e telas sobre aquilo que era exótico no país, como as nossas frutas, flores, fauna e, ainda, retratando os índios (Escritório de Arte.com, 2017). A obra de Eckhout sobre o Brasil foi considerada um retrato da realidade na época; entretanto, sabemos que qualquer obra parte de uma representação (de um ideal do Brasil que o artista queria retratar) do artista. De qualquer forma, as pinturas do artista que representavam o Brasil ecoam ainda hoje como memoráveis pelos seus temas exóticos. Também Jean-Baptiste Debret, pintor e desenhista francês, viveu quinze anos no Brasil e publicou o livro *Viagem Pitoresca e histórica ao Brasil*, no qual o artista revela a relação profunda que estabeleceu com o país, no início do século XIX (Enciclopédia Itaú Cultural, 2017). Nessa obra, Debret quis apresentar aos europeus um Brasil que extrapolasse a simples visão de um país exótico e interessante. Falo em Debret e Eckhout para exemplicar que as representações feitas sobre o Brasil pairam em relação ao exótico, e ainda hoje o Brasil é considerado um país exótico pela diversidade natural, cultural e humana que tem, não apenas por artistas plásticos, mas jornalistas, historiadores, antropólogos.

O texto do jornalista americano sobre o Brasil mostra que é muito difícil listar os aspectos mais importantes sobre um país e, ao fazê-lo, podemos pecar por negar informações, por nos exceder em generalizações e rotular um grupo ou uma sociedade. É como dizer que os gaúchos estão sempre com uma garrafa térmica e uma cuia na mão e usam vestimentas específicas. Ora, essa é uma representação quase que folclórica sobre o gaúcho. Conheço mais gaúchos que não tomam chimarrão do que gaúchos que apreciam a bebida e, quanto às vestimentas, como a bombacha ou o vestido da prenda, podem ser vistas com bastante frequência dentro dos CTGs (Centro de Tradições Gaúchas) e durante as comemorações da Semana Farroupilha. Uma mulher só irá trabalhar vestida de prenda se a roupa for parte da caracterização do seu trabalho.

De qualquer forma, a minha intenção foi chamar a atenção sobre as representações que foram disseminadas nos últimos anos, como é o caso desse artigo da CNN sobre o Brasil, além das próprias representações que os turistas – e nós mesmos – têm dos lugares que ainda não conhecem, a fim de entender melhor as curiosidades apontadas por estrangeiros que estiveram no território brasileiro.

2.1.1 Os encontros com outras formas de viver a vida – Copa do Mundo FIFA 2014

É em relação aos hábitos e costumes, à forma como o brasileiro vive, que é observado o maior número de curiosidades e estranhezas descritas pelos turistas estrangeiros. O G1 (Portal de Notícias da Globo) perguntou a doze estrangeiros, durante a Copa do Mundo FIFA 2014, o que eles acharam curioso ou diferente em relação aos seus países de origem. Flávia Mantovani[32], encarregada da reportagem, escreveu que o ponto em comum entre todos os depoimentos coletados foi a receptividade e alegria do povo brasileiro, visto pelos turistas como uma surpresa positiva. A alegria e a forma calorosa como os brasileiros costumam receber pode ser o que Joe Robinson descreveu como a ausência de pessoas introvertidas no país.

A canadense Florent Garnerot achou interessante o fato de que os brasileiros vão à praia e se posicionam sempre de frente para o sol, enquanto em outros lugares, as pessoas vão à praia e contemplam o mar. Sabemos que os brasileiros são os campeões em dietas e cirurgias plásticas. A busca pelo corpo perfeito é incessante e estar com o corpo bronzeado faz parte dos rituais em busca da beleza dos brasileiros, por isso, costumamos mudar inúmeras vezes de posição na praia, buscando o sol. Neste ponto e em outros que virão, não fugirei de algumas generalizações, pois há inúmeras pesquisas sobre o comportamento do brasileiro em relação ao corpo. O culto ao corpo é uma das representações brasileiras mais marcantes no exterior, em função das pesquisas sobre saúde e qualidade de vida e, embora saibamos que quem se dedica a cultuar o corpo não constitui a maioria da população brasileira; em comparação aos outros países é uma porcentagem significativamente maior, por isso, nesse caso, permito-me a generalização por ser marcante. A questão do bronzeado uniforme que os brasileiros buscam ao irem à praia vai ao encontro de outra característica apontada por Florent, a vaidade brasileira: "As mulheres sempre usam joias, maquiagem... Elas se arrumam muito" (2014).

Outros três pontos levantados pela canadense têm a ver com a forma mais relaxada de o brasileiro levar a vida. Se, por um lado, os brasileiros se destacam no mundo por trabalharem arduamente em busca de um corpo malhado e saudável, serem rígidos em relação a sua vaidade, por outro, notamos que as pessoas vivem de forma mais tranquila algumas questões da vida social. Florent notou que os casais demonstram afeto em público, inclusive se beijam, o que não acontece no Canadá, de acordo com ela. Além disso, os brasileiros se encontram, bebem juntos e ainda dividem a conta no final, ao passo que no Canadá cada pessoa paga apenas aquilo

[32] Ainda que haja as vozes dos entrevistados, cujos nomes aparecerão sempre que suas falas forem citadas, a referência da reportagem será o ano de 2014, a partir do nome da jornalista que a escreve.

que consumiu. Trata-se de uma forma diferente de lidar com essas questões. Os brasileiros, em geral, desfrutam dos momentos com os amigos e não têm o hábito de parar a conversa para fazer as contas a partir do consumo de cada pessoa da mesa. É comum ter uma única conta para toda a mesa, o que dificulta saber exatamente quantas cervejas cada um consumiu.

Por último, Florent fala da facilidade que é encontrar um amigo no Brasil, porque no Canadá ela precisa marcar com pelo menos uma semana de antecedência, enquanto no Brasil os encontros são facilitados pela espontaneidade do povo. De alguma forma, pode-se relacionar a espontaneidade e amabilidade brasileira ao que nos coube na nossa história: os índios, nativos desta terra, foram "domesticados" pela cultura europeia[33]. Ainda que esse processo não tenha sido pacífico, muitos índios acabaram por sucumbir às imposições portuguesas e passaram a ser considerados, inclusive na literatura ficcional, os bons selvagens ou "corpos dóceis" (faço alusão à obra de Foucault, *Vigiar e Punir*).

O norte-americano Joe Bauman começa seu relato pelas questões gastronômicas. Primeiro, ele atenta às questões de hospitalidade, sobre o fato de que os brasileiros adoram oferecer comida para as visitas, "é a forma de eles cuidarem de você" (2014). Uma iguaria que é bastante comum no Brasil, especialmente quando se come uma feijoada, é a farofa, confundida por Joe com areia: "quando cheguei aqui, me perguntava porque todo mundo colocava areia na comida" (2014). Farofa e areia realmente podem ser visualmente parecidas, o que justifica a confusão do norte-americano. É muito difícil se situar culturalmente e fazer referência a uma iguaria cujo nome não existe em sua língua e em seu país (alguns dicionários indicam a palavra *crumbs* como equivalente, embora essa palavra designe migalhas e farelo, parte de alguma coisa, e seu significado está longe do que conhecemos por farofa). Nesse caso, e em outros nos quais não existem referentes na cultura do outro, explica-se que a farofa é feita com farinha de mandioca torrada ou *toasted manioc flour* (JACOBS, 2003).

Esse exemplo de encontro cultural é daqueles que podem ser bastante mal interpretados. É muito peculiar pensar que alguém pode colocar areia para degustá-la com a comida; isso pode ser visto como ofensivo para um anfitrião que receba alguém na sua casa e coloque à mesa, entre outras comidas, a farofa. Ao mesmo tempo em que dizer que o Outro é ignorante tampouco me parece um exercício de alteridade, afinal, só conseguimos compreender os sentidos que produz se entendermos seu lugar. O respeito ao Outro será produzido nos interstícios, quando nós conseguirmos realizar exercícios como o que eu fiz com a farofa: comparar visualmente a areia e a farofa não é um absurdo, porque elas podem ser parecidas;

[33] Cf. RIBEIRO, 2006, p. 26-145.

podemos buscar as referências na língua do Outro e na culinária ou, simplesmente, perguntar ao Outro e tentar entender de onde ele enxerga aquilo que nos soa tão estranho. Eu poderia descrever as areias brasileiras que conheço e as suas infinitas texturas e cores e, ainda que nem todas possam ser comparadas à farofa, a diversidade das areias nos dá indícios de que se algo da natureza pode ser tão diverso, como nós, seres humanos, não seríamos igualmente diversos e complexos?

Joe ficou impressionado ao saber que tantas Constituições foram criadas no Brasil e que a mais recente delas, a Constituição Federal de 1988, recebeu tantas emendas. A Constituição dos Estados Unidos tem mais de dois séculos, entrou em vigor em 1789, e nesse período foi modificada apenas 27 vezes (Almanaque Abril, 2012). A Constituição norte-americana é a segunda mais antiga em vigência, perdendo apenas para a Constituição de San Marino, que vigora desde 1600. A imagem apresentada por Joe em relação à Constituição é fiel ao que se vive nos Estados Unidos cujo texto constitucional e as emendas são familiares a todos os americanos, por serem poucas e dificilmente modificadas. Comparando ao Brasil, são 96 emendas, sendo que dessas duas foram acrescentadas em dezembro de 2016 e a EC 96 (Emenda Constitucional), a última emenda acrescentada, data de junho de 2017 e dedica seu texto às práticas desportivas com animais, que, a partir desta, não são consideradas cruéis. A emenda, bastante controversa, discutiu a questão das vaquejadas no país, prática liberada constitucionalmente a partir de junho de 2017.

Joe se refere ao modo de vida da classe média brasileira: "Achei estranho ver que muitas famílias da classe média têm empregadas domésticas. Nos Estados Unidos só os ricos têm. Fiquei um pouco desconfortável de ver que uma estranha ia fazer minha cama, lavar minha roupa ou preparar meu café da manhã" (2014). No Brasil, o empregado doméstico é tão mal remunerado (as leis trabalhistas para esses empregados foram melhoradas após o período em que Joe Bauman esteve no Brasil, e já agravadas novamente na nova reforma trabalhista aprovada em 2017), que as pessoas da classe média brasileira podem se dar ao luxo de ter um empregado à sua disposição para fazer comida, lavar roupa, arrumar a cama, limpar a casa, cuidar das crianças, enfim, é um acúmulo de funções para um trabalhador mal remunerado. Em países mais desenvolvidos que o Brasil, os trabalhadores domésticos não acumulam funções, ganham salários dignos a ponto de terem poder aquisitivo para ir no seu próprio carro para o trabalho, viajar e ter acesso a coisas que os empregados domésticos brasileiros geralmente não têm.

Essa estranheza é bastante curiosa. A classe média brasileira (excluo a classe média baixa, que, em geral não tem condições para ter uma doméstica todos os dias em casa) não se considera pertencente à classe trabalhadora. No Brasil, pessoas que vivem confortavelmente, têm empregados, podem pagar planos de saúde privados, conseguem viajar, mesmo que eventualmente, não se consideram trabalhadores, pelo menos não se representam trabalhadores da mesma forma que seus empregados domésticos. Ainda que sejam assalariados e dependam de seus salários para manter seu conforto, a classe média se coloca como privilegiada ante as políticas sociais do país. Em outras palavras, o imaginário que a classe média tem de si como classe trabalhadora impressiona, às vezes, pela forma distinta que essa mesma classe faz a representação do que "é" uma classe trabalhadora mais humilde. Essa situação é reflexo do neocolonialismo, num *continuum* do que já acontecia no período colonial, em que uma classe de funcionários foi produzida e intermediava as relações entre o colonizador e a colônia, servindo como um escudo para a colônia. Eram "sujeitos coloniais" desenvolvidos com diferentes graus de sucesso, que não faziam parte da elite, mas por intermediar as relações entre os nativos e a colônia, gozavam de relativo prestígio.

> Na descolonização, esta é a "classe" (as formações de classe nas colônias não são exatamente como as da metrópole) que se torna a "burguesia nacional". É ela quem forja "identidades nacionais" por métodos que não podem romper formalmente com o sistema de representação que ofereceram a eles uma episteme prévia: o de ser para-choques "nacional" entre o administrador e a administração" (SPIVAK, 1994, p. 192).

A nossa classe média é, então, o para-choque daqueles que realmente têm poder no país. Além do estranhamento em ver que família de classes médias têm empregados em casa, Joe faz mais uma consideração em relação às casas brasileiras: "Achei meio nojento ver que aqui jogam o papel higiênico na lixeira [e não no vaso sanitário]. Não fica um cheiro ruim?" (2014). Nesse exemplo fica clara a diferença de vida entre os países. Em relação ao descarte de papel higiênico, essa é uma questão que aparece como um problema com alguma frequência no Brasil. É, de fato, desagradável descartar o papel na lixeira e ter que esvaziá-la e limpá-la constantemente para que os maus odores não incomodem, entretanto, o que pode parecer anti-higiênico para Joe, torna-se anti-higiênico para nós: se passarmos a descartar lixo no vaso sanitário, ele irá entupir. Os encanamentos brasileiros, em geral, têm diâmetro pequeno e insuficiente para o descarte de papel. Além disso, o Brasil não possui uma rede de esgoto preparada para tratar desse descarte, isso nos lugares em que há rede de esgoto, porque há muitos bairros sem sistema de saneamento em quase todas as cidades brasileiras.

É muito comum entrar em banheiros públicos, especialmente em lugares onde há a presença de turistas estrangeiros, e ver placas indicando que o lixo deve ser descartado na lixeira e não no vaso sanitário. Este ano, presenciei um problema relacionado a isso. Participei de um congresso internacional que reuniu estrangeiros do mundo inteiro no Rio de Janeiro (a maior parte dos congressistas era estrangeira). O congresso aconteceu no centro de convenções de um hotel, que não colocou em seus banheiros a placa informando que no Brasil não se descarta lixo nos vasos sanitários. No terceiro dia do evento, praticamente todos (e não eram poucos) os banheiros femininos estavam interditados. Parece irrelevante citar o descarte de lixo no banheiro, mas até nessa questão a culturalidade está presente e pode causar problemas quando há várias culturas em contato.

O esloveno Luka Jesih ficou admirado com a passionalidade do povo brasileiro e a forma como se expressa: "Os brasileiros falam alto, quase gritando, e muito rápido. [...] Na Europa, tudo é mais calmo. No Brasil, quando as pessoas cantam o hino, elas choram, cantam alto e com muita emoção" (2014). Essa observação feita pelo esloveno poderia ser estendida a muitos países da América Latina, não só ao Brasil. É senso comum que os latinos se expressam de forma acalorada, gestual, falam alto, gargalham muito e são apaixonados por coisas simples, mas que lhes são extremamente simbólicas, como cantar o hino.

Lembro que em 2016 estive na Argentina no dia em que se comemorava sua independência. Estava em Buenos Aires, sua capital, e era evidente que havia desfile e comemorações da mesma forma como acontece em Brasília. O que me chamou a atenção, naquele dia, foi que ao sair da zona central de Buenos Aires e visitar amigos argentinos, havia um churrasco em comemoração ao aniversário da independência argentina, e todos me saudavam e se cumprimentavam desejando "Feliz dia da Independência!". Eu nunca participei de situação semelhante no Brasil em relação ao 7 de setembro, entretanto, no dia 20 de setembro, em que se comemora a Revolução Farroupilha, há mais comemorações dos gaúchos que no próprio dia da independência do país.

A pátria, na minha opinião, tem a mesma representação para seu povo que a mãe para seu filho. Mesmo quando nos tornamos independentes de nossas mães, o vínculo afetivo permanece, por isso a relação com nosso país de origem é tão complexa. Tais momentos têm significados especiais para algumas culturas, especialmente para aquelas que, como a nossa, sofrem ainda os resquícios da colonização europeia, ainda muito recente. Além disso, nosso país e seus vizinhos sofreram há pouco tempo ditaduras militares, um período em que a opressão

imposta pelos governantes não nos orgulhava em nada e nos obrigava a entoar hinos em situações às quais as pessoas eram obrigadas a comparecer.

Mas nem tudo é semelhante entre o Brasil e seus vizinhos *hermanos*. Ainda que tenhamos a colonização como parte da nossa história e as cicatrizes deixadas pela ditadura chilena sejam um pouco mais recentes que as nossas, parece que o comportamento do homem chileno, por exemplo, é mais moderno que a do homem brasileiro. Richard Diaz, visitante chileno, percebeu que "os homens são muito machistas. Eles tratam as parceiras como empregadas deles, especialmente em relação às tarefas domésticas". O fato de um homem sublinhar que os homens brasileiros são machistas só pode ter um significado: os homens brasileiros talvez sejam os mais machistas, dentre as sociedades em que as religiões não impõem às mulheres uma série de limitações.

Minha afirmativa não é um "achismo"; o machismo brasileiro, o mais simples, aquele que não mata, como delegar as tarefas às mulheres, é visível até mesmo pelos turistas. O machismo que mata todos os dias, que fere psicologicamente, que priva as mulheres do convívio com os amigos e a família – muitas vezes sendo impostas ao cárcere privado –, que humilha e diminui a mulher a um resquício humano, esse machismo está escancarado todos os dias nos jornais e nos índices de violência contra a mulher no Brasil. O machismo fez crescer o número de homicídios contra a mulher de tal forma que, em 2015, a então Presidenta da República Dilma Rousseff sancionou uma lei do Código Penal que prevê os homicídios contra as mulheres por razões da condição do sexo feminino "como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos" (Brasil, 2014).

Esse encontro cultural de Richard com o machismo brasileiro é pertinente porque reforça (para que dele não nos esqueçamos), nos deixa vigilantes, e a representação que ele faz indiretamente sobre o Chile ser menos machista que o Brasil nos traz esperanças sobre a continuidade da luta contra o machismo no Brasil. O fato de Richard presenciar o machismo tão forte no nosso país a ponto de trazer esse assunto como algo diferente do Chile traz a percepção de que neste tema seus grupos de pertença estão mais na vanguarda no que diz respeito à igualdade entre gêneros. Nesse sentido, nós, brasileiros precisamos exercitar a alteridade em relação à misoginia e ao machismo, porque os diferentes significados são produzidos por diferentes sistemas simbólicos, uns mais misóginos que outros, por exemplo, mas "esses significados são contestáveis e cambiantes" (WOODWARD, K., 2007, p. 18), o que

nos traz o interesse e a expectativa de poder, seja por meio da contracultura (como acredita Barthes) ou de outras formas, mudar esse aspecto do nosso sistema simbólico.

Os ingleses Adam Burns, David Bewick e Pete Johnston mencionaram a vivacidade dos brasileiros, sua energia e seu sorriso, como é comum, mas eles falaram que acharam "estranho ver que aqui vocês comem coração de galinha" (2014). Quando eu li essa frase pela primeira vez, pensei que estranho era não aproveitar uma parte tão especial da galinha. O valor do quilo do coração de galinha é, em média, o dobro do valor do quilo do peito de frango, considerado a parte mais nobre da carne da galinha, o que nos dá a ideia do prestígio do coração na culinária brasileira.

Há um ano, estava retornando de uma viagem, já no aeroporto, quando fui comprar uma água e, estando ali, ajudei um norte-americano a fazer seu pedido, já que as atendentes não falavam inglês. O rapaz, após agradecer a minha ajuda, perguntou se eu podia prestar-lhe mais um favor e ensiná-lo a pronunciar *chicken heart* (coração de galinha) em português para que ele pudesse dizer às pessoas que não come coração de galinha. Então, ele me disse que esteve em outros momentos no Brasil e sabia que era comum encontrar este miúdo no cardápio.

Essa breve conversa me fez sorrir porque, imediatamente, eu lembrei que os ingleses também haviam falado do coração de galinha. Realmente – descobri depois – deve causar muita estranheza aos estrangeiros o fato de que o coração é o miúdo da galinha sem rivais no Brasil e tem o maior valor agregado entre os miúdos do animal. Fui pesquisar onde comprar corações de frango na Inglaterra e verifiquei que são tão raros por lá, que o anúncio para venda, em um supermercado *online*, explica que "Os corações de frango são usados amplamente nas culinárias brasileira e japonesa e temos visto o aumento da demanda nos últimos anos"[34] (KEEVIL & KEEVIL, 2017). Em seguida, são listados seus benefícios, dizem que seu sabor é suave e sugerem formas de preparo, a partir dos cozinheiros brasileiros. Acredito que a estranheza esteja bem fundamentada.

Kathryn Woodward afirmou que "a cozinha é o meio universal pelo qual a natureza é transformada em cultura" (2007, p. 42), já que a culinária é uma linguagem que permite que nos expressemos sobre nossos lugares do mundo, além de que ela é cultural por estar ligada à natureza, já que todos os nossos alimentos vêm dela (as relações entre cultura e natureza foram descritas no capítulo anterior). Além disso, vale destacar que o consumo de alimentos tem uma dimensão política no mundo, por exemplo, se pensarmos nos vegetarianos e veganos que não

[34] "Chicken hearts are used extensively in Brazilian and Japanese cooking and we have seen increased demand in recent years".

comem carne (no caso dos veganos, além da carne, não se alimentam de nada que tenha origem animal) por razões ideológicas, para não contribuírem com o sofrimento dos animais.

Mohamed Moulkaf comparou o Brasil à Argélia, seu país, em relação às motos, dizendo que "na Argélia, não há mulheres que dirijam motos" (2014). Como já foi mencionado antes, há lugares em que as mulheres são impedidas de desempenhar algumas atividades consideradas masculinas, fato mais comum quando a religião predominante no país é o islamismo. Não vou me estender em relação ao machismo por tê-lo feito nas páginas anteriores, mas é extremamente importante pontuar que na Argélia, bem como em outros países muçulmanos, o marido pode agredir a mulher que isso não é considerado crime. Deve ter sido um choque cultural para um argelino cuja legislação ainda obriga a mulher a ser tutelada por um *wali* (um tutor para a mulher) por ocasião da conclusão do contrato de casamento (*Le Monde Diplomatique Brasil*, 2004).

O canadense Kyle Dreher achou curiosa a forma como nos cumprimentamos no Brasil: "Quando você conhece alguém, dá dois beijinhos na bochecha. Isso é muito diferente do aperto de mão que a gente dá no Canadá" (2014). Kyle mencionou dois beijinhos, que podem ser três ou apenas um dependendo da região do Brasil. O beijinho pode vir acompanhado de um abraço também, em muitos lugares. A questão é que o contato físico, inclusive nos cumprimentos, é muito importante para os brasileiros e para outros países latino-americanos. De qualquer forma, há muitas culturas de cumprimentos pelo mundo. Se aqui costumamos nos beijar, no Canadá eles apertam as mãos, "em Tuvalu, na Polinésia, o cumprimento consiste em encostar uma bochecha na outra e, em seguida, cheirar profundamente o pescoço" (Science4you, 2017), quer dizer, as diferentes culturas se comportam de distintas formas, no Brasil, também faz parte da nossa linguagem e expressão usar o corpo como forma de saudar alguém e como forma de complementar uma exposição oral, somos gestuais e gostamos de contato.

2.1.2 Os encontros com outras formas de viver a vida – Jogos Olímpicos Rio 2016

Durante as Olimpíadas, novamente, a jornalista Flávia Mantovani[35], do G1, voltou a perguntar aos estrangeiros o que mais os surpreendeu durante a viagem ao Brasil. É válido lembrar que nesta segunda entrevista os visitantes retratam somente o Rio de Janeiro, já que foi a cidade sede do evento, ao contrário da entrevista que apresentei na seção anterior, em que os

[35] Utilizo nesta seção o mesmo critério de referência utilizado na seção 2.1.1 para citar os entrevistados, constando nas referências finais Mantovani (2016).

estrangeiros viajaram por diferentes cidades para acompanhar os jogos da Copa do Mundo FIFA 2014, dentre as quais, também, o Rio de Janeiro.

O finlandês Tuuka Tolvanen ficou surpreendido com a fartura de comidas nos restaurantes cariocas: "Você pede um prato individual no restaurante, mas dá para três pessoas. As porções de comida são enormes, e eu adoro isso. Na Finlândia vem bem menos comida, e se você quiser ficar cheio, tem que pedir duas porções" (2016).

É uma benção ter alimentos suficientes para alimentar a todos os brasileiros. Essa benção, ao mesmo tempo, é uma desgraça, porque há um grande desperdício de comida no Brasil. Se não desperdiçássemos os alimentos da forma como o fazemos, seria possível alimentar toda a nossa população. Infelizmente, a questão trazida por Tuuka é cultural. O brasileiro, de acordo com o analista da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) Gustavo Porpino, desperdiça a comida por causa de dois hábitos culturais: a fartura e a hospitalidade.

Porpino desenvolveu uma pesquisa em 2015 sobre o comportamento dos consumidores dos Estados Unidos e do Brasil, na qual ele identificou esses dois hábitos que levam ao desperdício de comida no Brasil. Em reportagem concedida à BBC Brasil (British Broadcasting Corporation), ele comentou que as frases que mais escutou das donas de casa brasileiras durante a sua pesquisa foram: "sempre pode chegar alguém" e "é melhor sobrar do que faltar" (2017). É muito provável, leitor, que você já tenha dito essas mesmas frases, mas se você nunca as pronunciou, estou certa de que já as escutou muitas vezes. Para o povo brasileiro a hospitalidade é muito importante, não é coincidência que a receptividade do brasileiro seja a característica mais mencionada pelos estrangeiros que visitam o Brasil.

Parte importante do receber bem passa pela oferta de comida[36] às visitas, mesmo que o anfitrião não faça parte da elite econômica, já que "não são apenas os ricos que esbanjam alimento no Brasil. [...] O desperdício impressiona nas famílias de classe média baixa, que representam a maior fatia da população brasileira" (PORPINO, 2017). Essa nossa característica tão apreciada pelos estrangeiros é parte do problema da fome que tem voltado ao Brasil, põe em jogo as discussões sobre sustentabilidade, resulta em culpa em todos os que jogam alimentos fora, mas ainda assim, de acordo com os estudos de Porpino, as sobras são vistas como preconceitos e as famílias não querem comer "arroz dormido" (2017), o arroz deve estar sempre novo. Esse é mais um exemplo em que a dimensão política da comida pode ser pensada.

[36] Lembro que na página 46 deste capítulo, o americano Joe Bauman comenta que os brasileiros adoram oferecer comida e que ele vê tal atitude como uma forma de o povo cuidar bem dos seus hóspedes.

Fernando Olivares e Denis Martinez, da Argentina, mencionaram a vaidade das mulheres brasileiras ao se produzirem, porque estão sempre bem penteadas e maquiadas[37]. Os argentinos destacaram que lhes chamou a atenção a mente aberta dos brasileiros em relação à homossexualidade: "Aqui vimos muito mais casais gays que no nosso país" (2016). É verdade que em muitas cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro, é bastante comum ver casais homossexuais demonstrarem afeto publicamente. Além disso, em maio de 2013, o CNJ (Conselho Nacional de Justiça) editou a Resolução n° 175, de 14 de maio de 2013, autorizando o casamento entre pessoas do mesmo sexo e determina que "é vedada às autoridades competentes a recusa de habilitação, celebração de casamento civil ou conversão de união estável em casamento entre pessoas de mesmo sexo" (2013, p. 2).

O Brasil avançou na garantia de direitos de casais homoafetivos antes de muitos outros países considerados desenvolvidos, como os Estados Unidos. Embora vejamos bastantes casais homossexuais e os turistas argentinos tenham achado que isso reflete a mente aberta dos brasileiros, vemos um poder executivo – especialmente a chamada "bancada da bíblia"[38] – tentando retirar os direitos de união civil desses casais e impor o "Estatuto da Família", que propõe, entre outras coisas, "o fortalecimento dos laços familiares a partir da união conjugal firmada entre o homem e a mulher, ao estabelecer o conceito de entidade familiar" (BRASIL, Projeto de Lei nº 6.583 – A, p. 5, 2013). Além da questão de legislação, assim como em relação às mulheres, os números da violência e de homicídios contra homossexuais no Brasil é um dos maiores do mundo. Nós, brasileiros, não temos a mente aberta em relação aos homossexuais, são os homossexuais que são resilientes e resistem todos os dias ao se fazerem ouvir e ao lutar pelos seus direitos.

As dinamarquesas Katrine Jessen e Cecile Dam Nielsen levantaram uma questão sobre a culinária e outra sobre o trânsito. Em relação à comida, elas acharam curioso que no Brasil as pessoas comem arroz e feijão com tudo, até mesmo com batata e macarrão. A fartura da mesa do brasileiro acaba propiciando às pessoas a ingestão conjunta de quaisquer alimentos disponíveis. Essa situação é ainda mais comum porque nossos restaurantes têm o serviço de buffet, onde a oferta de alimentos é enorme e o consumidor pode servir um pouco de cada comida. O Brasil tem uma produção de alimentos das mais variadas que contribui para que as mesas estejam cheias de "natureza transformada em cultura" (para lembrar a citação de Woodward).

---

[37] O assunto da vaidade feminina foi discutido na página 45, a partir do comentário da canadense Florent Garnerot.
[38] A "bancada da bíblia" é o nome dado ao conjunto de deputados federais conservadores e cristãos (católicos e evangélicos), que tendem a incluir suas crenças religiosas nas leis da sociedade civil.

Katrine e Cecile comentaram, ainda, que "o trânsito daqui é insano: leva quase o mesmo tempo para atravessar o Rio do que para atravessar a Dinamarca" (2016). Imagino que não apenas as dinamarquesas, mas muitos estrangeiros de outros países devam ficar pasmos com o despreparo do Brasil em mobilidade urbana. Elas falaram da cidade do Rio de Janeiro, que teve todo um planejamento de mobilidade urbana para os Jogos Olímpicos, que conta com metrô, trem, ônibus, mais de quatrocentos quilômetros de ciclovias e é a cidade com maior número de ciclovias da América Latina (MOBILIZE, 2015). Nós sabemos como são outras cidades brasileiras que não têm a estrutura de mobilidade do Rio de Janeiro: ainda mais caóticas.

Em relação à infraestrutura da cidade, desta vez no que se refere aos pedestres, o belga Cristophe Draye comentou que "as calçadas são muito estreitas. Acredito que seja muito perigoso para o pedestre andar nas ruas. O governo tinha que melhorar isso" (2016). Não existe um planejamento urbano nesse sentido, no Brasil, não apenas no Rio de Janeiro. Não há normas para os passeios e, em geral, acabam se tornando realmente perigosos para os pedestres, não raro, carros desgovernados sobem as calçadas provocando acidentes. Além da proximidade entre veículos e pedestres, outros problemas podem ser apontados em relação às calçadas estreitas: a má conservação; a impossibilidade de ter um bom espaço para os cadeirantes e boas rampas para poder acessar a calçada; a presença de postes que diminuem ainda mais o espaço para pedestres e a impossibilidade de colocar piso tátil para deficientes visuais.

No assunto mobilidade, o argentino Tomas Ledesma conta que foi de carro da Argentina ao Rio de Janeiro e ficou impressionado com a quantidade de caminhões na estrada em comparação à Argentina. Isso é facilmente explicado pela falta de malha ferroviária, que faz com que 60% do volume das mercadorias seja movimentado por rodovias e os outros 40% por ferrovias, hidrovias e transporte aéreo. Outra questão levantada por Tomas diz respeito à velocidade das rodovias brasileiras: "Também achei estranha a discrepância entre as velocidades permitidas nas estradas. Em um lugar você pode ir a 100km/h, de repente muda para 60km/h" (2016). A questão dos limites de velocidade nas estradas brasileiras, apontada pelo argentino, pode parecer (e é) um disparate com causas definidas. O principal motivo de limites discrepantes nas rodovias está ligado ao péssimo estado em que elas se encontram. Pode-se estar dirigindo em um trecho recém asfaltado e seguro a 100km/h, esse trecho termina e aparecem as "panelas" (buracos) obrigando o condutor a diminuir a velocidade de forma abrupta. Outra razão é a falta de cuidado na sinalização das rodovias por parte dos órgãos competentes, especialmente naquelas que estão sendo melhoradas e duplicadas: elas têm seu

limite de velocidade aumentado e, no entanto, as antigas placas, com limites mais baixos, permanecem nos acostamentos.

Perdemos parte dos nossos dias em deslocamentos, porque nosso trânsito não flui ou as estradas não são seguras; perdemos tempo, ainda, em filas morosas no banco, na padaria e em outros espaços comerciais. As filas chamaram a atenção do casal alemão Tim Duchow e Xenia Sandek: "Se você vai ao supermercado, fica 30 minutos no caixa, porque as atendentes estão fazendo a unha, arrumando o cabelo. Na Alemanha tem que ser rápido. Acho que as pessoas aqui têm mais tempo e são mais relaxadas. Deve ser por causa do clima" (2016). A suíça Aline Lotschov é outra turista que comenta que "O Brasil nem sempre é bem organizado, você precisa esperar demais para tudo" (2016). O problema brasileiro com filas é tão acentuado que há alguns anos foi criada uma lei para estabelecer o tempo máximo que os clientes deveriam esperar na fila do banco. Além disso, parece que somos um pouco brandos com o abuso praticado pelos supermercados em determinados dias e horários em que a quantidade de consumidores é menor, os gerentes disponibilizam apenas poucos caixas e as filas ficam enormes.

Os alemães falam que somos relaxados talvez por causa do clima e parte dessa nossa atitude cultural está ligada a isso mesmo. Sou do sul do Brasil e sempre morei no sul. É muito comum quando eu viajo para estados mais quentes do Brasil (como os estados das regiões Norte e Nordeste) que as pessoas comentem comigo que no Sul nós trabalhamos demais, que nós não aproveitamos a vida, não relaxamos, somos muito rigorosos.

Lembro quando eu estava realizando o credenciamento em um congresso em Fortaleza, no Ceará. A menina que estava me atendendo pediu encarecidamente que eu não me estressasse, porque "no Nordeste, assim como as pessoas, até os computadores eram mais lentos", e eu era a representação do povo gaúcho, muito rápido. Existe a ideia de uma relação do clima com o humor das pessoas. É comum ouvirmos falar que o número de suicídios cometidos é mais alto em países mais frios, que durante o inverno têm poucas horas de luz solar por dia. Sem nenhuma pretensão de teorizar, apenas discutir o tema, Vitor Ramil apresentou uma conferência sob o título *Estética do frio*[39], em Genebra. Nessa conferência ele fala das diferenças culturais entre as pessoas que moram no Brasil subtropical e no Brasil tropical, motivadas pelos diferentes climas. Um dos exemplos que ele cita é que "os rio-grandenses, consideravam-se mais

[39] O texto da conferência resultou na publicação de um livro bilíngue (português e francês), em 2004, com o mesmo título.

uruguaios que brasileiros" (2004, p. 14), porque muitas das nossas palavras, assim como costumes e clima são iguais, mas se diferem dos costumes do Brasil tropical.

Neste capítulo, discuti, inicialmente, a alteridade como saída para o respeito e a tolerância com as diferenças que surgem nos encontros culturais. Apresentei as curiosidades, estranhezas e os prazeres vividos pelos estrangeiros em terras brasileiras durante a Copa do Mundo FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos Rio 2016. Tentei discutir o porquê dos estranhamentos apontados pelos visitantes de forma a não os rotular, como muitas vezes fazemos e vemos a mídia fazer, e discutir as nossas familiaridades, que nos são tão comuns e sobre as quais não costumamos refletir, que causam essas falas curiosas das pessoas que nos conhecem.

Este capítulo foi uma forma de mostrar que excentricidades, extravagâncias e prazeres são comuns quando as diferenças se reúnem e podem resultar em encontros muito salutares tanto para os *outsiders*[40], quanto para os *insiders* que são mobilizados em suas zonas de conforto. Muitas diferenças foram destacadas pelos estrangeiros. Nas questões relativas à alimentação, a fartura da mesa brasileira, a farofa que parece areia, o coração de galinha e, claro, o tradicional feijão com arroz.

Também a nossa Constituição Federal foi apontada por um estrangeiro que ficou surpreso por ela ser tão recente (de 1988), e temas como o machismo, tão antigos, continuam habitando as nossas vidas. Muito bom saber que os estrangeiros ficaram admirados em ver tantos casais homoafetivos nas ruas, sinal de que neste caso, a resistência à homofobia por parte dos homossexuais não fica dentro dos lares brasileiros, passeia pelas ruas, apesar de muitos políticos, conhecidos por todos, não esconderem mais a sua homofobia, quiçá a população anônima.

Os estrangeiros acharam curioso o fato de que na praia aplaudimos o pôr-do-sol e de não ficamos virados para o mar, mas para o astro rei. Além disso, as questões sobre a vaidade dos brasileiros e das brasileiras foram bastante comentadas. Em relação à vaidade, essa é uma questão enaltecida até pelos uruguaios que convivem com os brasileiros nas fronteiras do Rio Grande do Sul. Em uma pesquisa realizada na fronteira entre as cidades gêmeas Chuí-Chuy, Bohn e Silva (2016, no prelo), entrevistaram estudantes brasileiros e uruguaios. Uma das perguntas feitas aos estudantes uruguaios era "Como você define o povo brasileiro? Os brasileiros e uruguaios são diferentes?". Os uruguaios que vivem na fronteira disseram que reconhecem os brasileiros pela visão: eles são muito vaidosos, muito bem arrumados.

[40] Volto aos termos utilizados por Elias e Scotson (2000).

As questões de infraestrutura também foram destaque nos comentários dos estrangeiros. Falaram do trânsito caótico, das estradas cheias de caminhões, das velocidades nas rodovias brasileiras e, até mesmo, que a nossa infraestrutura nos obriga a ter um cesto de lixo nos banheiros brasileiros.

Quando nós somos os turistas em outros países, nos admiramos de muitos hábitos e, às vezes, por mais que sejam ótimos costumes, não conseguimos nos desfazer dos nossos. Tenho um amigo que passou cinco semanas em Londres e, durante este tempo, mantinha uma sacola plástica no banheiro do hotel onde estava hospedado, porque não conseguia descartar o papel higiênico no vaso sanitário.

Não é tarefa da mídia brasileira (e de ninguém) escrever sobre como devemos nos comportar, porque quando as culturas se encontram, há sempre uma forma de conciliar as diferenças, e negar ao indivíduo que ele possa conhecer essas diferenças ao entrar em contato com elas, é frustrar a descoberta de outras culturas. A questão da mídia será discutida a seguir, no próximo capítulo, em que serão analisados artigos sobre viagens nos quais eles apontam como devemos nos comportar em outros países.

3 A IMPRENSA COMO POSSÍVEL REGULADORA DOS COMPORTAMENTOS CULTURAIS

Agradar: colocar os alicerces para uma superestrutura de imposição.
Ambrose Bierce[41]

Neste capítulo, proponho um olhar atento à forma como a mídia brasileira "conversa" com o turista que viaja a outros países. Os artigos que apresentarei são escritos para um público restrito da população brasileira, que tem condições de viajar para o exterior. Ao longo da apresentação dos textos, o leitor perceberá que se tratam de textos publicados em *sites* que estejam relacionados a viagens e turismo e jornais que possuem uma seção específica para viagens.

A mídia tem, inevitavelmente, vieses ideológicos pois se fundamentam nos discursos e os discursos são igualmente ideológicos. Entretanto, notamos, ao assistirmos telejornais, ao lermos jornais impressos e digitais que, muitas vezes, os veículos de comunicação ficam muito distantes do que se poderia considerar um jornalismo imparcial, levando em consideração que a imparcialidade na linguagem é impossível de ser alcançada, mas pode ser refinada quando se trata de informar a população. Essa parcialidade, cada vez mais evidente ao observar o discurso da mídia no Brasil, fez com que a população criasse uma frase entoada em manifestações de caráter político, "O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo", contra a maior rede de comunicação brasileira.

Essa sentença proferida contra uma grande rede de comunicação reflete as políticas partidárias que ficam evidentes quando os assuntos tratados dizem respeito a questões de cunho político, econômico e outros. Vemos na (des)informação o serviço prestado pela mídia ao discorrer sobre os problemas brasileiros e defender políticos, seus partidos e a adoção de políticas impopulares que afetam a população e privilegiam os grandes empresários e os bancos. Quando são tratados temas controversos como esses que envolvem as questões públicas do país, é mais fácil compreender que as opiniões pessoais e das redes de comunicação fiquem evidentes. Por exemplo, em 2016, a mídia fez uma grande campanha em favor da chamada "Proposta de Emenda Constitucional (PEC) dos gastos" (oficialmente, PEC 55, que depois de aprovada virou a Emenda Constitucional 95), que congelaria o orçamento por vinte anos. Durante o período de votações, em que a matéria estava tramitando na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, inúmeras manifestações populares foram realizadas em todo o país.

[41] *Dicionário do diabo*, 2006, p. 10.

A mídia de alcance nacional não noticiou nenhuma das grandes manifestações em que não aconteceram problemas, começaram e terminaram "pacificamente", como dizem os jornalistas. Mas em todas as manifestações contra essa PEC em que houve a presença dos grupos conhecidos "Black Blocs" (grupos que vão às manifestações mascarados, geralmente vestidos com roupas pretas, cujo objetivo é a manifestação direta contra as forças de ordem, causando danos ao patrimônio público), embora eles não fizessem parte dos movimentos sociais que promoveram as manifestações, a mídia realizou cobertura ao vivo, delegando as responsabilidades da destruição do patrimônio público aos movimentos sociais, às entidades estudantis e a qualquer organização que estava na manifestação e sofreu as consequências da ação dos "Black Blocs". Da mesma forma, a mídia nunca, nesse período da PEC 55, noticiou as manifestações em que a polícia, provavelmente ordenada pelos governos, atingiu deliberadamente com armas não letais, bombas de gás lacrimogêneo e spray de pimenta os manifestantes que estavam exercendo seu direito constitucional, sem que houvesse qualquer ameaça ou depredação de patrimônio, simplesmente para dispersar a manifestação. Nesses exemplos, fica clara a posição da mídia cujos interesses vão de encontro aos interesses da maior parte da população, construindo uma narrativa que reitere sua agenda.

O que não parece razoável e entendível é quando um turista brasileiro acessa matérias que envolvam entretenimento – como as seções sobre viagens –, tenham uma linha discursiva que diminua as suas culturas nacionais, ao dizer como ele deve se comportar ao viajar para outros países para não passar vergonha. Como se o fato de ser brasileiro o desqualifique e ele tenha que ser reeducado culturalmente para poder ir a outros países. É como se a mídia instruísse os brasileiros para que "não falem alto", "não gesticulem demais" e tantos outros comportamentos nossos que tentam ser silenciados, quando um artigo sobre viagens diz: "7 costumes brasileiros para NÃO fazer em outros países"[42] (2016).

Acredito que é extremamente interessante quando podemos ter algumas informações culturais que nos guiem em relação às culturas dos países que pretendemos visitar. Não porque não possamos cometer gafes ou passar por situações embaraçosas, essas situações podem ser de grande aprendizado sobre como o Outro se coloca no mundo, além de que elas podem resultar em momentos descontraídos nos encontros entre os "diferentes". Algumas informações podem nos livrar de problemas reais, por exemplo, nos EAU (Emirados Árabes Unidos), há uma série de proibições, especialmente por causa do islamismo, que podem levar até mesmo os turistas ocidentais para a prisão.

[42] Já introduzo o título de um dos artigos com os quais trabalho neste capítulo.

Em uma matéria publicada pelo periódico português Visão (2017), há o anúncio da criação de um tribunal para turistas em Abu Dhabi, capital dos EAU. A reportagem descreve o que pode ser considerado crime no país. Destaco um trecho:

> Segundo a organização não governamental Detained in Dubai (Detido no Dubai, e sim, houve necessidade de formar uma associação para apoiar cidadãos estrangeiros enredados em problemas legais na região), o futuro tribunal vai lidar sobretudo com manifestações públicas de afeto – um casal a dar as mãos ou a beijar-se – e de raiva – alterações no trânsito, troca de insultos –, além de embriaguez, vestimentas consideradas inapropriadas (quase invariavelmente envolvendo mulheres) e a captação de imagens de locais proibidos. Casos que podem implicar até seis meses de prisão (RIBEIRO, 2017).

Esse é o tipo de informação que um turista (especialmente o ocidental) "deve" saber, porque dar as mãos nos EAU resulta em prisão, algo que nós, brasileiros, fazemos com tanta naturalidade e, para nós, dar as mãos está distante de significar uma ofensa a alguém, menos ainda, um crime. Entretanto, nos artigos que apresento, a seguir, o que eles descrevem como deveres culturais não têm consequências graves, como trocar insultos com alguém em Abu Dhabi, por exemplo, que pode levar o turista a ter problemas judiciais. Tratam-se de diferentes costumes que podem gerar, no máximo, situações constrangedoras.

Descrevo, primeiro, os títulos das matérias veiculadas para os turistas que pretendem viajar para outros países: (1) "Top5: como se comportar no exterior para não passar vergonha" (2016); (2) "5 coisas que você deve evitar para não passar vergonha em Roma" (2014); (3) "7 atitudes imperdoáveis em países do exterior" (2015); (4) "11 coisas que brasileiros não devem fazer no Japão" (KAWANAMI , 2015); (5) "7 costumes brasileiros para NÃO fazer em outros países" (MARSIGLIA, 2016); (6) "18 coisas que você não deve fazer no exterior" (2015).

Todos os títulos têm em comum como público alvo os brasileiros que viajam ao exterior e têm como premissa, listar aquilo que não pode ser feito, ou o que pode levar o turista a passar vergonha fora do país. Os artigos (2) e (4), diferentemente dos demais, tratam de aspectos específicos de uma cidade (Roma) e um país (Japão).

Gostaria de atentar, para alguns aspectos desses títulos que me chamam a atenção. No primeiro título (1), aparece "como se comportar". A primeira leitura que eu faço é que parece um manual que instrui a pessoa em determinadas situações, por exemplo, como se comportar ao entoar o hino, cuja lei 5700 de 1º de setembro de 1971 diz que durante a execução do Hino Nacional, "todos devem tomar atitude de respeito, de pé e em silêncio, os civis do sexo masculino com a cabeça descoberta e os militares em continência, segundo os regulamentos das respectivas corporações" (1971). Os cerimoniais são laborados a partir de comportamentos

e regras diplomáticas. Existe por exemplo, a regra do centro métrico do cerimonial e protocolo, que diz que a pessoa com a maior hierarquia deve localizar-se ao centro; isso acontece nas cerimônias de formatura, nas universidades, em que o (a) reitor(a) senta-se no centro da mesa, por ter o cargo mais alto da universidade.

Além de "como se comportar", o título ainda traz "para não passar vergonha". Ora, parece demasiado forte estabelecer a forma pela qual a pessoa vai passar vergonha. Na minha leitura, seria possível escrever esse título de outra forma: "Top 5: curiosidades culturais sobre alguns países para quem deseja evitar uma saia-justa". Não há nenhum problema em descrever diferentes comportamentos culturais de diferentes países, o problema é a forma como a mídia coloca a questão para seus leitores. Na introdução deste trabalho, falei do "complexo de vira-latas" do brasileiro cujo conceito reflete no título (1), porque a mídia trata as culturas como um manual a ser seguido, não como questões curiosas sobre diferentes culturas, não como o acesso ao repertório cultural de outros países. Fica evidente que o comprometimento da publicação não é com as culturas e com o respeito a elas (ainda que algumas descrições nas matérias falem do respeito – o que será abordado mais adiante). Sem qualquer compromisso com os estudos sobre cultura, títulos, como esse mencionado, revelam que a mídia está mais interessada na imagem que o Outro (os estrangeiros) faz em relação ao brasileiro, quando ele no exterior, e a imagem que é criada do Brasil a partir das visitas dos turistas brasileiros em outros países, do que as relações de alteridade, os encontros culturais e as aprendizagens que acontecem nos encontros entre diferentes culturas.

O segundo título mencionado, também traz a questão da "vergonha" que o brasileiro não pode passar. A diferença dele em relação ao primeiro, está no uso do verbo dever: "deve evitar", ou seja, tem por obrigação evitar, é imposto ao turista não ter determinada conduta. Também os títulos (4) e (6), assim como o (2) trazem a obrigação dos turistas ao utilizarem "não deve(m)". O terceiro artigo trata das atitudes "imperdoáveis" no exterior. Diferentemente dos títulos anteriores, o título (3) não obriga nem diz diretamente como o brasileiro deve se comportar, mas coloca algumas atitudes culturais que podem ser vistas com "maus olhos" e, por isso, seriam imperdoáveis. Enfim, o título (5) traz um advérbio de negação em caixa alta (talvez como forma de chamar a atenção, mas o uso da caixa alta pode significar, ainda, falar em voz alta ou gritar) "NÃO fazer", o que também vejo como proibição.

Um aspecto que me chamou a atenção nesse título se refere ao que não pode ser feito: os costumes brasileiros. Nos demais títulos, a leitura permite compreender que curiosidades culturais de diferentes países e cidade (no caso de Roma), diferentes das nossas, serão

apresentadas para que não façamos e não passemos vergonha no exterior. O título (5), diferentemente, diz que temos que silenciar os nossos costumes ao viajarmos.

Embora tenhamos observado somente os títulos, até este momento, as chamadas dessas matérias, da forma como elas estão, revelam uma divergência profunda entre o tom que os artigos publicados sobre viagens mantêm com seus leitores e a forma como os estudos sobre cultura, diferença e alteridade buscam lidar com mais tolerância com problemas culturais, extremamente complexos. Nesse sentido, esses títulos não são tão diferentes da censura imposta pelo grupo que se manifestou contra algumas das obras do Queermuseu, tentando dizer o que pode ser visto ou não pela população, levando o Santander Cultural a encerrar a exposição imediatamente. Neste caso, há também uma imposição que se reflete não nas obras de arte, como foi o caso da exposição em Porto Alegre, mas sobre os costumes e comportamentos dos brasileiros. A mídia que fala sobre viagem e entretenimento, deliberadamente ou não, acaba criando uma representação do que deve ou não ser feito fora do país e dos costumes brasileiros que não podem ser reproduzidos no exterior. Parece-me uma tentativa clara de padronizar os brasileiros às regras e costumes dos estrangeiros, de desrespeitar as nossas diversas características culturais, limitando os nossos traços espontaneamente culturais às fronteiras brasileiras.

Vejo na mídia, portanto, uma forma clara de tentar "delinear" (ou homogeneizar, padronizar) as nossas culturas para os brasileiros que têm possibilidades de viajar para o exterior. A mídia tem domínio e usa o poder desse domínio como forma de "modelar" o Brasil que pode ser visto lá fora, por meio dos seus artigos, atingindo uma parte da população, especialmente aquela classe média que descrevi no capítulo anterior[43], que contribui para forjar identidades e culturas nacionais, descrita por Spivak como o sujeito neocolonial. Assim, as definições culturais e identitárias continuam sendo impostas por aqueles a quem o poder é conferido (BOURDIEU, 1980).

Pensando pelo outro lado, qual seria a justificativa da mídia em colocar o Outro (nesse caso, os estrangeiros, as outras culturas) em uma posição superior? Essa mesma mídia que faz relatos dos estrangeiros que visitam o Brasil e celebra as suas "excentricidades" culturais quando colocadas em prática aqui. Essa mídia que aceita, respeita e ainda escreve com graça sobre os embaraços cometidos em razão das diferentes culturas do Outro, quando acontecem no nosso território. Podemos nos perguntar, ainda, qual o motivo da celebração do outro e da crítica da diversidade interna (brasileira)?

[43] Capítulo 2, p. 47-48.

Em parte, acredito que isso esteja relacionado aos movimentos globais, em que as culturas precisam ser instrumentalizadas (retomando partes dos títulos dos artigos trabalhados: "como se comportar", "coisas que os brasileiros não devem fazer") de forma a contribuir com a aquisição de bens globais[44]. A globalização é um processo de estreitamento da internacionalização que integra economia, sociedade, cultura e política. A ideia é fazer com que haja uma cultura global, estereotipada, que estimule o consumo também global. Não é possível afirmar que a globalização seja inteiramente ruim em todos os seus aspectos, mas no que diz respeito às culturas, de que elas deveriam ser "globalizadas", essa forma de tratá-la é bastante nociva às diferenças, no sentido de que a globalização pretende que as culturas sejam "globais" porque economicamente gera mais recursos financeiros – lembro, leitor, a cultura é vista essencialmente como um "ativo" econômico importante para o MinC, a visão sobre a economia gerada pelas culturas é igualmente importante para esses processos de globalização. É muito mais fácil quando as grandes empresas podem fazer o mesmo produto para todos os países do mundo. Temos como exemplo as grandes empresas de tecnologia que lucram muito em cima de suas tecnologias "globais".

De alguma forma, compramos – ou somos levados a comprar – a ideia quando optamos pelo "Microsoft Office", um *software* bastante caro, por exemplo, em vez de usarmos o "Libre Office", *software* gratuito. Embora o "Libre Office" seja praticamente igual ao Office da empresa Microsoft, a Microsoft apresenta uma série de recursos não disponíveis no *software* livre e, no mundo globalizado, todos queremos (mesmo que de forma inconsciente) estar na vanguarda das tecnologias, pertencer a esse universo da tecnologia moderna, porque parece, hoje, que ela faz parte dos nossos corpos. As tecnologias possuem inúmeros exemplos de como nós, inevitavelmente, somos seduzidos por produtos globais, é só prestar a atenção no comportamento dos consumidores do mundo inteiro no período de lançamento do principal *smartphone* da "Apple", o iPhone: as filas para a aquisição do iPhone começam a ser formadas dias antes do lançamento oficial do produto. Essa é a dinâmica da cultura global, que permite que os bens de consumo sejam desejos globais, como acontece com o iPhone.

O grande problema dos estereótipos (seja em uma comunidade, seja na tentativa de criar uma cultura global) é que eles desumanizam os indivíduos e tendem a atribuir uma única característica a todos. Nas tentativas de homogeneizar as culturas, desrespeitam-se as diferenças que as constituem e apagam qualquer oportunidade de as pessoas exercerem a alteridade, já que o Outro, nessa lógica, seria "igual a mim".

[44] Matellart e Neveu (2004), já citados sobre este assunto no capítulo 1, p. 25-26.

A outra justificativa que encontro para que a mídia se comporte de forma a supervalorizar o Outro, dentro ou fora do Brasil, e deixar implícito que precisamos, os brasileiros, respeitar as culturas dos *outsiders* e reproduzi-las ao viajarmos para outros países, ainda que os estrangeiros não tenham as mesmas obrigações ao visitarem o Brasil, é o discurso do subalterno[45]. Quando falo sobre a narrativa do subalterno, penso em duas questões. A primeira diz respeito ao reconhecimento de que a mídia tem seu domínio e poder, mas é – ainda que não se reconheça – subalterna a outros poderes maiores e mais poderosos que o dela. Fico pensando nas questões de senso comum que se estabelecem entre o opressor e o oprimido, quando aquele que sofre a opressão, passa a ser o opressor daqueles que considera hierarquicamente inferiores a si. Nessa relação, a mídia seria subalterna a outros poderes e, ao reiterar o discurso do subalterno em suas manifestações, deseja que seus leitores, que se informam a partir dela, sigam seus passos da forma como ela segue os passos do sistema capitalista ou de um poder governamental que está acima dela.

A outra questão que coloco para a reflexão – assumo que essa questão precisaria de mais subsídios para ser teorizada e discutida apropriadamente, não os tenho nos limites deste trabalho, mas desejo tê-los no futuro de forma a complementar os estudos que não serão contemplados nesta tese –, é se os escritores (dos artigos que apresento neste trabalho) impõem de forma deliberada os comportamentos culturais que os brasileiros devem ter no exterior, na tentativa de contribuir com uma identidade cultural global e, inclusive, superestimando outras culturas em detrimento das nossas, ou se eles estão/são tão subalternos ao Outro, que não conseguem enxergar o quanto suas narrativas são igualmente subalternas. Não quero parecer ingênua, já que a mídia tem uma agenda – transparente nas questões de política e economia – para manter o subalterno em silêncio[46], mas questiono o quanto seus colaboradores que escrevem sobre viagens e turismo são afetados pela agenda do veículo midiático em que trabalham, ou o quanto os jornalistas, de fato, não refletem sobre suas próprias narrativas.

Proponho olharmos para algumas análises de cada texto, após as discussões que fiz sobre seus títulos. Veremos como as culturas descritas nesses textos servem de direção para os brasileiros que vão viajar. Começo por alguns excertos retirados do texto (1) "Top5: como se comportar no exterior para não passar vergonha" (2016):

---

[45] Utilizo *subalterno* no sentido mais simples da palavra: aquele que se sente inferior ao outro, subordinado. Embora eu utilize Spivak, uma das teóricas dos *Subaltern Studies*, grupo formado por intelectuais indianos, em 1982, não me filio ao grupo, neste trabalho, no sentido mais amplo dos estudos sobre o subalterno, porque seus teóricos têm apresentado discussões epistemológicas e metodológicas das mais variadas nos últimos anos, dentre as quais muitas delas vão de encontro às teorias dos estudos culturais que utilizo.

[46] Penso na ideia de Gayatri Spivak, no título do livro *Pode o subalterno falar?*, de 2010.

Japão
(a) Ao visitar uma família no Japão, tire os sapatos antes de entrar na casa e procure deixar em ordem tudo aquilo que foi arrumado para você.

(b) Eles também gostam de se apresentar oferecendo um cartão de visitas; ao receber um, pegue-o com as duas mãos, agradeça e, caso tenha o seu, entregue com as duas mãos. Nada de guardar no bolso, isso é sinal de má educação e falta de consideração.

França
(c) Os franceses tratam muito melhor os turistas que sabem palavras francesas, aprenda algumas expressões como *bonjour*, *merci*, *pardon*.

(d) No restaurante só coma depois de escutar o "*bon apetit*", e mesmo que tenham falado essa palavra para você, não a repita toda hora a cada prato que lhe é servido, isso é mais um daqueles clichês de turistas.

No texto (1) temos, primeiro, duas considerações que destaquei sobre o Japão. A primeira, é em relação ao costume japonês de não entrar em casa com os sapatos que foram usados na rua. Trata-se de uma questão que facilita a limpeza da casa e, ainda, uma questão de higiene espiritual, muito cara aos japoneses, que acreditam que ao retirar os calçados, as energias impuras não invadem a casa. É uma regra cultural bastante difundida. Acredito que as pessoas podem não saber os motivos pelos quais retiram-se os sapatos na entrada das moradias japonesas, mas provavelmente elas saibam que isso é comum no Japão. Ainda que não fosse, seria absolutamente normal a qualquer pessoa ser avisada pelos anfitriões, que devem trocar os sapatos (os japoneses entregam *surippas* – um chinelinho para ser usado no interior das residências). Esse hábito é comum em muitas residências brasileiras não por questões de higiene espiritual, mas para a manutenção da limpeza física da casa. Já visitei alguns amigos que têm esse hábito e não "passei vergonha" (como sugere o título do texto) ao ser informada que deveria trocar os sapatos, simplesmente respeitei os costumes dos anfitriões.

O trecho (b) diz que ao receber um cartão de visitas, temos que agarrá-lo com as duas mãos. Sabendo que isso representa falta de consideração com o estrangeiro japonês que entrega seu cartão, respeitaria esse costume, mas esse é muito pormenorizado para um turista. Imagino que talvez esquecesse do detalhe de segurar o cartão com as duas mãos, ao agradecer imensamente o fato de o Outro ter aberto uma possibilidade de futuros diálogos comigo. Seria esse um motivo para passar vergonha? Acredito que não.

Da mesma forma, duvido que alguém que vá à França não aprenda (isso se já não souber antes) a dizer palavras de cordialidade. Os franceses podem até tratar melhor seus turistas que pronunciam *bonjour*, por exemplo, mas em qualquer país do mundo, os *insiders* apreciam os

turistas que falam, ainda que sejam apenas palavras como “obrigado”, “de nada”, “bom dia” e “desculpa”, na língua do país.

Na frase (d) o autor fala dos clichês. Não pode falar *bon apetit* a todo o momento, porque você estará anunciando que é um turista e clichês de turistas só servem para passar vergonha. É compreensível que possa ser cansativo aos franceses a mesma cena sendo repetida, sempre, pelos turistas. Isso acontece com todas as culturas e em todos os lugares. Quantas vezes recebi brasileiros que não conheciam o Rio Grande do Sul e repetiam clichês sobre os gaúchos. Pelotas, a terceira maior cidade do Rio Grande do Sul, é nacionalmente conhecida por ter a fama de que seus cidadãos são gays. É uma fama que pode ter sido engraçada em algum momento da sua história, mas hoje é ofensiva, porque ainda que todos cidadãos pelotenses fossem homossexuais, sempre que essa “fama” entra em uma conversa, não gera uma conversa saudável sobre os acontecimentos históricos que levaram a cidade a receber tal notoriedade; ao contrário, é sempre motivo de deboche, reforçando a homofobia.

Turistas produzem clichês sobre as culturas que visitam na França, em Pelotas, em qualquer lugar. O que cabe quando os clichês aparecem, especialmente se eles são ofensivos, é o diálogo respeitoso de forma a mostrar ao turista como determinado aspecto cultural é vivido naquele lugar. O exercício da alteridade que pode acabar com conflitos entre Eu o Outro, o Outro e Eu.

O texto (2) “5 coisas que você deve evitar para não passar vergonha em Roma” (2014) fala da cidade de Roma, vejamos três análises:

> (e) Não jogue moedas em todos os chafarizes e fontes. Moedas, só na Fontana di Trevi. Quem mora em Roma está acostumado a ver moedas em praticamente todas as fontes. Todas elas, com a exceção das moedas jogadas na Fontana di Trevi, foram deixadas lá por turistas. Os moradores da cidade balançam a cabeça quando veem moedas nas outras fontes, por se tratar de uma evidente confusão e ignorância que o turista tem da cultura do lugar que está visitando. Moedas, só na Fontana di Trevi!
>
> (f) Não compre um monte de tíquetes unitários. Compre um tíquete de 3 ou 7 dias.
> O tíquete simples (Biglietto semplice B.I.T.) custa 1 Euro e permite apenas uma viagem de metrô ou uma viagem de ônibus de 75 minutos. Se você vai usar muitas vezes o transporte público, é melhor comprar os passes, que dão direito a viajar de ônibus, metrô e bondes com muito mais liberdade.
>
> (g) Redobre a atenção ao pegar um táxi.
> Os táxis de Roma não são 100% confiáveis. Ao entregar uma cédula para o taxista no fim da corrida, certifique-se do valor da nota que está entregando e, de preferência, antes de passá-la para a mão do taxista, pergunte a ele de que valor é aquela nota: isso vai evitar um truque bastante comum. A nota entregue é rapidamente trocada por outra de menor valor, e ele pede o complemento, obrigando-o a dar mais dinheiro.

Jogar moedas em fontes na cidade de Roma é tão comum quanto era colocar cadeados na ponte de Paris, *Pont des Art*, antes de sua proibição. A tradição é que as moedas sejam jogadas de costas na Fontana di Trevi, porque, de acordo com a lenda local, é a garantia de que a pessoa volte a Roma. Entretanto, turistas do mundo todo fazem confusão e ao ver uma fonte na cidade já saem lançando moedas para perpetuar a tradição. O que, por um lado, é descrito pelo jornalista como ignorância, por não saber que a fonte das moedas é a Fontana di Trevi, por outro, aumenta os ganhos da cidade, já que o valor das moedas é doado a iniciativas beneficentes para doentes e, ainda, é utilizado para a restauração das próprias fontes (FERRAZ, 2017). Nesse caso, a "ignorância" do turista serve de ajuda à manutenção do município e aos enfermos que necessitam.

Em relação aos bilhetes de transporte público, em vários lugares, inclusive no Brasil, há oferta de bilhetes para uma única viagem e de bilhetes por número de dias. Cabe ao turista o direito de escolher como ele vai fazer a aquisição desses bilhetes, de acordo com as suas necessidades. Óbvio que a escolha por bilhetes com duração maior pode, em alguns casos, significar uma boa economia ao viajante, se ele for realmente usar bastante o transporte público, caso o contrário, ele pode comprar alguns bilhetes unitários. Não podemos desconsiderar que, às vezes, os turistas fazem coisas aparentemente sem sentido, como comprar muitos bilhetes unitários que sequer serão utilizados, que podem servir para levar a amigos que colecionam bilhetes de transporte de diversos lugares do mundo, por exemplo. Tenho um fascínio e coleciono marcadores de livros, meus amigos sempre que viajam para lugares diferentes, lembram de me trazer marcadores, que nem sempre são comprados, muitas vezes são oferecidos em um museu ou uma feira. Cada turista traz dos lugares que visita lembranças das mais diversas, inclusive, bilhetes de transporte público.

O último excerto do texto sobre Roma fala dos cuidados que se deve ter com os taxistas na cidade. Infelizmente, esse é um cuidado que não é exclusivo de Roma, já fui ludibriada com troca de notas por um taxista em Buenos Aires, onde esse hábito também é bastante comum. Este comportamento foi descrito em um texto cujo título anuncia "coisas que você deve evitar para não passar vergonha em Roma". Parece-me que ser enganado por um taxista não é motivo de vergonha para a pessoa enganada, ao contrário, a vergonha deveria ser do taxista, que tenta tirar vantagem do turista que visita sua cidade e motivo para vergonha da cidade que é visitada, que não consegue tirar das ruas pessoas que lidam diretamente com o turista e os roubam. Além disso, a leitura do trecho (g) passa a ideia de que o título que encabeça o artigo não está de acordo com o seu conteúdo.

O terceiro artigo, “7 atitudes imperdoáveis em países do exterior” (2015), também fala sobre culturas de diversos países, dentre os quais analiso dois, relacionados às questões alimentares:

> (g) Canadá – o pecado do ketchup
> Um prato típico canadense, especialmente em Quebec, é o Poutine – uma comida feita basicamente com batatas fritas cobertas de queijo e um molho saboroso que é feito com manteiga, cebolas e caldo de carne, entre outros ingredientes. Quando pedir este prato, não cometa a gafe de pedir ketchup!! Isso pode ser quase uma ofensa.
>
> (h) Índia – vacas sagradas
> Não comer carne de vaca é quase um fato quando se visita a Índia. Além disso, assim como em vários países do exterior, você vai encontrar pessoas vegetarianas que não comem nem ovo. Saber respeitar as escolhas e não fazer comentários é importante.

A alimentação, como já comentei no capítulo anterior, reflete de maneira muito especial as culturas dos países. Repito a ideia de Kathryn Woodward que quando cozinhamos os alimentos que vêm da natureza são transformados em cultura. Um mesmo alimento, que seja produzido em todo o mundo, pode ter as mais variadas funções dentro da culinária, ganhando maior protagonismo em um país e sendo considerado mais simples em outro. A banana talvez seja uma das frutas mais populares produzidas no Brasil. Ela é produzida em mais de 130 países do mundo, o que a torna bastante conhecida. No Brasil e em muitos países das Américas do Sul e Central, a banana é consumida não apenas como a fruta que é e nos mais diversos doces, sendo muito utilizada em pratos salgados, também.

A um brasileiro causaria estranheza alguém dizer que um bolo com bananas é exótico, porque é um bolo muito comum, considerado dos mais simples. Com o anúncio do noivado entre o príncipe Harry e Megan Markle, a banana virou notícia mundial. É tradicional que o bolo de casamento da realeza britânica tenha frutas, geralmente frutas típicas daquele lugar, como frutas vermelhas. Entretanto, com o anúncio do casamento, a mídia fica atenta a todos os detalhes, dentre os quais, o tradicional bolo, que, no casamento de Harry e Megan terá a banana como protagonista. A mídia achou a escolha dos noivos exótica. A jornalista Debora Robertson (2017) publicou uma matéria, no jornal inglês *The Telegraph*, que um bolo de banana para um casamento real é um pedido pouco ortodoxo e bastante modesto. Esse exemplo mostra como os alimentos ganham diferentes dimensões e significados em diferentes lugares do mundo.

A batata frita parece um desses alimentos universais, que todos conhecem, mas ganha diferentes receitas que se convertem em diferentes culturas. O “poutine” é um prato que usa batatas fritas, acrescidas de um molho que parece bastante elaborado e, de acordo com o texto que o descreve, colocar ketchup neste prato pode soar ofensivo a quem o prepara, já que esse

condimento é geralmente utilizado como um molho para as batatas fritas, ao passo que a receita canadense já inclui o molho na sua maneira de construir o "poutine".

Quando a alimentação é uma questão cultural, antes de pensar em gafe ou ofensa ao Outro, o que se pensa, em primeiro lugar, é a questão política que atribuímos aos alimentos. Não é o caso do "poutine", mas por mais ofensivo que fosse a um anfitrião chinês, eu jamais aceitaria por educação comer carne de cachorro. Da mesma forma, os indianos, ao contrário dos costumes brasileiros, não comem carne de vaca, por considerarem-na um animal sagrado.

O excerto (h) ainda fala da questão dos vegetarianos e veganos (o autor ao falar das pessoas que não comem carne, inadvertidamente acaba excluindo o Brasil dos lugares em que "podemos encontrar" vegetarianos e veganos), que são as pessoas que adotaram hábitos e políticas alimentares que vão de encontro à ingestão de alimentos de origem animal, por recusarem a ideia de se alimentar a partir do sofrimento de animais. Muitos veganos limitam não só a alimentação, como também o vestuário, não adquirindo ou usando peças em couro.

O texto (4), "11 coisas que brasileiros não devem fazer no Japão" (KAWANAMI, 2015), traz curiosidades acerca de costumes culturais, especialmente relacionados ao cuidado com o Outro.

> (i) Abrir a porta na hora da visita ir embora
> No Brasil, é normal abrirmos a porta para a visita, mas no Japão, isso é considerado rude pois pode passar a impressão de que deseja que a visita vá embora logo. Por isso, caso resolva chamar um amigo japonês para ir à sua casa, deixe que o próprio abra a porta quando resolver ir embora.
>
> (j) Não usar máscara quando estiver gripado
> Os japoneses são muito preocupados com a disseminação de germes e vírus. Por isso, é costume usar máscaras cirúrgicas quando estiver gripado ou com alguma alergia. É uma forma educada de proteger as pessoas de serem infectadas.

Ao contrário do Brasil, o excerto (i) aponta a preocupação do japonês ao deixar que suas visitas abram a porta para irem embora quando desejarem. Esse é o exemplo em que a diferença entre japoneses e brasileiros pode causar algum pequeno constrangimento, inicialmente, e render boas risadas depois que ambos compreenderem a lógica inversa de seus costumes.

O exemplo (j) também está relacionado ao cuidado com o Outro, diferentemente do exemplo (i), a preocupação deste exemplo é em relação à saúde. Os japoneses são conhecidos pela boa saúde e por ser um povo longevo. Como eles têm muita preocupação com a saúde, quando estão com doenças que são de fácil contágio, como a gripe, usam máscaras em locais públicos para prevenir que as outras pessoas fiquem enfermas. É uma forma muito interessante

de contribuir para a prevenção da saúde das pessoas em lugares como o ônibus e o metrô e revela que no Brasil não temos essa atitude em relação aos outros, em espaços coletivos.

O quinto texto, "7 costumes brasileiros para NÃO fazer em outros países" (MARSIGLIA, 2016), aponta para os nossos costumes que não devem ser reproduzidos em outros países, como:

> (k) Desfilar pelas ruas com um belo bronzeado no corpo
> Exibir o bronzeado pode ser o máximo nas praias brasileiras. Mas pense duas vezes antes de pegar sol se você vai à China. Aparecer todo bronzeadão na terra da oriental vai acabar com a sua moral. É que os chineses prezam a cor de pele mais "branca" possível. Racismo? Bem, tá mais para um lance de status social. Lá, ter a pele menos bronzeada é um sinal de prosperidade, pois indica que você não tem de trabalhar exposto ao sol, como muitos camponeses pobres. Imagine como os chineses ficariam confusos ao conhecer os "emergentes" da Barra da Tijuca…
>
> (l) Servir bebida alcoólica a si mesma (mulheres)
> Haja machismo! As mulheres que são chegadas a um vinho, ou a qualquer outra bebida alcoólica, precisam segurar a onda na França quando tiverem vontade de se servir. Mesmo em encontros informais, em bares ou restaurantes, é considerada uma tremenda falta de educação pelos franceses a mulher abastecer o próprio copo de bebida. A missão cabe a algum marmanjo que a acompanhe ou que esteja por perto. Tá certo que costume é costume, mas não deixa de ser uma contradição isso ainda rolar no país da intelectual Simone de Beauvoir, uma das maiores feministas da história…

No exemplo (k) observamos as diferenças entre os brasileiros e os chineses em relação ao bronzeado. No capítulo anterior (p. 12), uma canadense disse que era estranho observar que os brasileiros mudavam de posição de acordo com a posição solar, na praia, para se bronzear. Essa é uma recomendação do que não fazer em um outro país, no mínimo, estranha, ainda mais vinda de um brasileiro. Ninguém vai passar anos sem se expor ao sol porque vai à China, para parecer mais próspero e ser bem visto. Incomoda-me a falta de sensibilidade em colocar essa questão, tentando fazer com que pareça engraçada, ao escrever para brasileiros, que têm todos os tipos de tom de peles, muitos dos quais poderiam ser confundidos com um bronzeado. A cor da pele, natural ou por exposição ao sol, jamais deveria ter entrado em uma lista que diz que a cor da pele pode "acabar com a moral" na China, ou em qualquer lugar do mundo. No século XXI, em que já deveríamos ter abortado as questões étnicas como diferenças de status, em que vemos que os crimes em nome da "pureza" não foram enterrados com a segunda guerra mundial e, em 2017, Mianmar está promovendo uma "limpeza étnica", indo de encontro a todas as lutas das últimas décadas em relação às etnias, escrever que quanto mais clara for a pele, na China, maior prestígio social é infeliz.

A segunda análise do texto (5) trata, igualmente, de questões que devem ser combatidas. Desta vez, a questão é o machismo[47], já que mulheres que servem bebidas alcoólicas a si mesmas são consideradas mulheres sem educação. O autor do texto começa descrevendo o costume narrado com: "Haja machismo!" e ainda faz menção a Simone de Beauvoir, ativista política, teórica social e feminista francesa. Esse é um costume que não reflete o pensamento do mundo ocidental neste século. Uma regra sociocultural que a maioria das mulheres que eu conheço não cumpriria de forma a rechaçar o machismo implícito nela, independentemente de ser considerado falta de educação ou não.

Por fim, três análises do texto (6), "18 coisas que você não deve fazer no exterior" (2015):

> (m) Ucrânia
> Não dê flores em número par.
>
> (n) México
> Não fique ofendido com as piadas locais (ou pelo menos tente disfarçar).
>
> (o) Itália
> Não peça cappuccino após o meio dia (ele é considerado uma bebida apenas para o café da manhã. Uma pena).

Não é apenas na Ucrânia que não se presenteia flores em número par. Na Rússia e na Itália também é costume dar flores em número ímpar, sendo comum flores em número par apenas as destinadas a funerais. No Brasil, é tão comum pedir buquês com uma ou duas dúzias de rosas, por exemplo, a nossa atenção está na quantidade independente se o número é par ou ímpar. Não imagino os brasileiros contando as flores ao recebê-las, porque os números pares e ímpares para flores não são significativos para nós. Também imagino que os floristas desses países devem orientar as pessoas, especialmente as estrangeiras em relação a esse costume.

O autor do texto (6) diz que temos que disfarçar caso alguma piada mexicana nos ofenda. "Não devemos" nos ofender. Quando a piada é boa, todos rimos, certo? Quando a piada é sem graça, mas inofensiva, não nos ofendemos e, por educação, às vezes sorrimos um pouquinho para não constranger o piadista. O que me incomoda nessa colocação do autor sobre o México, é a possibilidade de ofensas em piadas altamente ofensivas de cunho xenófobo, homofóbico, racista. Neste sentido, o turista brasileiro tem que fingir que não se ofende? Não apenas um turista brasileiro, qualquer ser humano que vê nesses temas a importância que eles têm. Não é razoável, por educação, fingir estar de acordo com assuntos tão sérios em forma de piada e que

[47] As questões sobre o machismo também foram discutidas no capítulo 2, p. 50.

não têm graça nenhuma. Dentre muitas das questões que discuto neste trabalho, está a questão da alteridade e do respeito. Nós podemos conviver com as diferenças e nos colocar no lugar do Outro. Entretanto, não é, na minha opinião, princípio da alteridade silenciar temáticas acerca de assuntos dolorosos, para ser aceito pelo Outro.

Uma última colocação, vinda do texto (6), é em relação ao cappuccino ser uma bebida matinal na Itália. Com todo o respeito aos italianos e aos seus costumes, mas não é ofensivo pedir uma taça de cappuccino à tarde. Ainda que o cappuccino seja uma bebida de origem italiana, é preparado em todos os lugares do mundo e cada lugar adquiriu seus próprios hábitos em relação à forma de consumo do cappuccino. Uma boa forma de dizer o quanto o cappuccino é apreciado, é pedindo um sempre que tivermos vontade!

Neste capítulo, fiz a análise e a interpretação de seis artigos, destinados aos turistas brasileiros que viajam para outros países, que tratam dos costumes que devem ser seguidos por brasileiros em terras estrangeiras. Chamei a atenção para o fato de que alguns dos nossos costumes mais simples podem nos levar à prisão em determinados países. Esses costumes merecem toda a nossa atenção ao viajar para os Emirados Árabes Unidos, por exemplo. Também acredito que tais costumes, como dar as mãos ou beijar-se em público, devam fazer parte de um manual para quem visita países onde haja consequências jurídicas.

Realizei, primeiro, a análise pelos seus títulos, que são bastante impositivos, além do uso de expressões intensas para chamar a atenção do leitor. Os títulos têm essa função: levar o leitor a ler os textos que os acompanham. No entanto, os títulos tentam impor aos brasileiros os costumes de outros países, de forma a deixar claro que os turistas brasileiros devem agir da forma como se descreve ou passarão vergonha no exterior.

Ao analisar as "imposições" descritas pelos autores dos seis textos, não é possível verificar qualquer comportamento cultural que pareça tão impositivo quanto os títulos dos artigos sugerem. A maioria desses hábitos culturais podem ser facilmente negociada entre os turistas brasileiros e os habitantes dos países que visitam. Os diferentes costumes podem e causam estranhezas e até algumas situações embaraçosas, mas nenhum é motivo para causar a repulsa do Outro. Da mesma forma, estamos acostumados a receber estrangeiros e a conviver com as diferenças e com os estranhamentos (como foi trabalhado no capítulo anterior).

Fica a sensação de que a mídia tenta impor culturas de outros países como regras a serem seguidas pelos turistas brasileiros. Ao fazê-lo, extingue de seu universo a responsabilidade sobre os estudos de cultura, apequenando-se em uma narrativa neocolonial (SPIVAK, 1994),

atuando como o "sujeito para-choques" que intermedeia as relações entre a sociedade e os governos.

Assim, cabe a nós, resistirmos aos apelos midiáticos que, deliberadamente ou não, tentam silenciar nossas marcas culturais. A cultura é exceção, mas da forma como a tratam na mídia, tenho que me resignar e concordar com Coelho, dizendo que, para muitos, ela é vista como regra. E para ser exceção em todos os sentidos, cabe-nos resistir por meio da contracultura, de novas teorizações, de um comprometimento com a ressignificação da alteridade, de transpor as fronteiras das diferenças e negociá-las nos interstícios. Heidegger escreveu que "uma fronteira não é o ponto onde algo termina, [...] a fronteira é o ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*"[48] (1971, p. 152).

Fronteiras são transpostas a todos os momentos e sequer nos damos conta que estamos transpondo-as. A palavra *fronteira* é muita utilizada para designar um limite geográfico, mas as fronteiras que cruzamos, diariamente, estão nas questões profissionais, étnicas, de gênero, culturais. Quando ultrapassamos as fronteiras culturais, não excluímos as culturas que nos pertenciam antes de alcançar a fronteira, tampouco adotamos imediatamente as culturas do Outro. Ao derrubar as fronteiras, novas culturas começam a fazer parte do nosso repertório cultural, hibridizando-se no entre-lugar onde elas são negociadas. A resistência que marca a cultura como exceção prevê, inevitavelmente, liberdade para negociar novos significados e novas culturas.

[48] A boundary is not that at which something stops, […] the boundary is that from which *something begins its presenting*.

PALAVRAS (CULTURAIS) FINAIS

Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com os olhos livres.
Oswald de Andrade, 1924[49]

Este trabalho chega às suas últimas páginas e começá-lo com uma frase do *Manifesto da poesia pau-brasil*, que representa o que eu quis demonstrar ao longo da tese, talvez seja uma boa forma de chegada para compreender a cultura da forma como eu a vejo.

Iniciei esta tese falando de arte e comparando-a com a cultura. Discorri sobre o fechamento de uma exposição de forma a reiterar a importância da resistência cultural. Quem atenta contra os sentidos mobilizados por obras de arte, está atentando contra a cultura. O fechamento do Queermuseu rememora os tempos de intolerância e ditadura, de opressão e de silêncio. Esse caso, dá uma mostra das fragilidades humanas em relação à alteridade. É o Eu contra o Outro, sem qualquer apreço pelas diferenças ou qualquer tentativa de empatia, como se o Outro não pudesse conviver em harmonia com o Eu. Os indivíduos estão egoístas. Não que eles não fossem antes, mas parece que agora o Eu fala mais forte, e esse Eu não está interessado pelo Outro, não quer nem ouvir falar do Outro. É necessário resistir, é necessário trazer a cultura para o lugar a que ela pertence de ser exceção, já que não "há fórmula para a contemporânea expressão do mundo", como afirmou Oswald de Andrade.

Realizei uma breve exposição sobre a cultura ao longo do tempo. Percorri os caminhos da história, psicologia, antropologia, linguística, sociologia na tentativa de construir uma tese de linguística aplicada, que fluísse nessa transdisciplinaridade tão necessária para compreender o Outro, o Eu e o si mesmo. Para enunciar o mundo e nele existir. A linguagem é o meio que nos inscreve na história, que faz do ser humano, de fato, humano, que permite que vivamos social e culturalmente.

Ao discutir o termo "cultura", dialoguei com as ideias de Teixeira Coelho (2008), reivindicando uma cultura que seja exceção cujo termo nunca se limite ou se esgote em si mesmo. Nesse sentido, a cultura nasce da necessidade humana de viver em sociedade. Como os indivíduos são igualmente diferentes entre si, ainda que possuam culturas semelhantes, a cultura é um lugar de conflito muito mais que um lugar de conforto. Ela é normativa quando pensamos em regras estabelecidas pelo *establishment*, na tentativa de controlar os grupos sociais e dar-lhes "estabilidade" e "conforto", a chamada "cultura de massa"; mas,

[49] O *Manifesto da poesia pau-brasil* foi publicado, originalmente, no Correio da manhã, dia 18 de março de 1924. Retirei a citação do livro *Obras completas de Oswald de Andrade – do pau-brasil à antropofagia e às utopias*, de 1970, p. 9.

fundamentalmente, a cultura não é um conjunto de leis, ela desloca e mobiliza os indivíduos porque seu caráter é descentralizador. A cultura é ressignificada pelos sujeitos que vão experimentando as culturas e dando novos significados a ela. O indivíduo precisa de liberdade para ver a cultura "com os olhos livres".

A noção de diferença foi discutida com a alteridade no capítulo "Eu e o Outro, o Outro e Eu". O Eu se constitui na relação com o Outro, por meio de suas diferenças. Na alteridade está a origem dos grandes conflitos do mundo, ao mesmo tempo em que a conciliação de tais conflitos resulta da alteridade. O que define se declaramos guerra ou assinamos um tratado de paz é a forma como lidamos com as diferenças e o quanto estamos abertos a nos colocar no lugar do Outro. As negociações entre o Eu o e o Outro ocorrem em um terceiro espaço, que Bhabha chama de interstício ou entre-lugar, no qual o Eu e o Outro redefinem suas culturas de modo que elas não representam mais a cultura do Eu, tampouco a cultura do Outro: elas se hibridizam.

Nesse mesmo capítulo, antes de analisar e interpretar os estranhamentos e curiosidades dos estrangeiros que visitaram o país, comentei o texto de um jornalista estadunidense sobre a representação que ele fazia do Brasil. Observamos – pelo texto de Robinson e por exemplos de artistas que vieram retratar o país por meio da sua arte – que o Brasil mantém sua representação de "país exótico" para os estrangeiros, desde que a nossa história passa a ser contada, na chegada dos portugueses. Lembro que a representação é a tradução que cada indivíduo faz da realidade concreta.

A partir da representação do Outro sobre a nossa realidade, apresentei dois artigos que perguntaram aos turistas estrangeiros – que visitaram Brasil na Copa do Mundo FIFA 2014 e nos Jogos Olímpicos Rio 2016 – as diferenças entre o Brasil e seus países de origem. As diferenças descritas pelos estrangeiros demonstram que encontros culturais resultam em estranhezas e prazeres, em conflitos e conciliações que movem tanto os *outsiders* quanto os *insiders*; mais que isso: o encontro entre os diferentes, quando há abertura para o Outro, transforma as diferenças em grandes celebrações da alteridade.

No capítulo anterior, analisei seis artigos da mídia, destinados aos turistas brasileiros, que listam os "comportamentos" que os brasileiros "devem" seguir ao viajar para o exterior para não "passar vergonha". Ao analisar os textos, ficou claro que os títulos eram muito mais exigentes em relação aos turistas brasileiros que os comportamentos culturais a serem seguidos por eles. As diferenças descritas entre as culturas do Outro e as nossas, são diferenças de hábitos e costumes muito semelhantes às diferenças destacadas pelos turistas estrangeiros, nos artigos

de Mantovani (analisados no capítulo 3). É possível afirmar que tais diferenças podem ser acordadas, ainda que antes da conciliação possa haver algum constrangimento. Diferente dos hábitos ocidentais que podem levar à prisão em lugares onde o islamismo é a religião predominante.

Kathryn Woodward afirma que "a mídia nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular" (2007, p. 17). Acrescento, ainda, que a mídia usa o seu poder não apenas para manipular os comportamentos brasileiros no que diz respeito às situações e problemas internos do país, ela manipula os brasileiros para que sigam as culturas estrangeiras.

Acredito que os objetivos geral e específicos foram atingidos, infelizmente – embora não fosse objetivo deste trabalho – os dados da minha pesquisa não permitem concluir, apenas projetar hipóteses, acerca das exigências culturais que a mídia coloca aos turistas brasileiros: se decorrem da tentativa de contribuir para a construção de culturas globais (como orientação do veículo da mídia em que trabalha o jornalista, uma agenda) ou se advém do desconhecimento dos jornalistas sobre os estudos da cultura, que acabam reproduzindo – sem saber que o fazem – os discursos do sujeito neocolonial.

Percebo que os brasileiros têm empatia e tentam conciliar as diferenças quando recebem estrangeiros no país. Não foi por acaso que houve um consenso entre os entrevistados por Flávia Mantovani em 2014 e 2016 que os brasileiros são extremamente gentis, alegres e hospitaleiros. Embora ainda tenhamos o "complexo de vira-latas" (RODRIGUES, 1993) em relação a muitos aspectos da nossa vida, ser bom anfitrião é uma característica nossa, que pode, em algum momento da nossa história, ter sido imposta durante os períodos colonial e pós-colonial, mas hoje, está ligado à brasilidade como uma característica forte da nossa cultura, não ao servilismo.

O *establishment* – governos, mídia e qualquer instituição a quem os indivíduos atribuem poder – opera de forma a fazer da população aquilo que lhe convém. Os povos manipulados são de fácil controle e, em troca, o *establishment* "oferece" o "conforto" da cultura que ele mesmo determina para a população.

O que nos cabe, nesse cenário, como pesquisadores é compreender as culturas, discuti-las, explorá-las, contestá-las, respeitá-las, promovê-las e teorizá-las com liberdade. Como professores, devemos alimentar discussões com nossos estudantes, não necessariamente sobre as culturas, mas sobre os aspectos que as constituem: o diálogo, o respeito às diferenças, o exercício de se colocar no lugar do outro. Qualquer disciplina permite essa discussão. Que tenhamos sabedoria para lidar com a cultura como exceção.

REFERÊNCIAS

18 coisas que você não deve fazer no exterior. *Egali intercambio*. 2015. Disponível em: <http://egali.com.br/2015/egali/pt/blog/18-coisas-que-voce-nao-deve-fazer-no-exterior/>. Acesso em: 7. abr. 2016.

5 coisas que você deve evitar para não passar vergonha em Roma. *Caia no mundo*. 6. out. 2014. Disponível em: <https://caianomundo.ci.com.br/5-coisas-que-voce-deve-evitar-para-nao-passar-vergonha-em-roma/>. Acesso em: 12. mai. 2016.

Almanaque Abril. São Paulo: Editora Abril, 2012.

ANDRADE, Oswald de. *Obras completas de Oswald de Andrade* – do pau-brasil à antropofagia e às utopias. Coleção Vera Cruz – literatura brasileira. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

BARTHES, Roland. Fatalidade da cultura, limites da contracultura. Entrevista feira por Jean Duffot. In: _____. *O grão da voz*: entrevistas, 1961-1980. Tradução Mario Laranjeira, revisão de tradução Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 209-218.

BENEVIDES, Carolina. *7 atitudes imperdoáveis em países do exterior*. Hintigo. 29. jun. 2015. Disponível em: <https://hintigo.com.br/paises-do-exterior/>. Acesso em: 6. set. 2017.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Cláudia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BIERCE, Ambrose. *Dicionário do diabo*. Seleção e tradução Rui Lopes. Ilustrações de Ralph Steadman. Lisboa: Edições tinta-da-china, 2006.

BOHN, Hilário I. Pósfácio. In: NICOLAIDES, C., SILVA, K. A. da, TILIO, R. e ROCHA, C. H. (Orgs.) *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes, 2013, 307-324.

_____.; SILVA, Luiza Machado da. *A linguagem da diferença no entre-lugar da convivência na fronteira Chuí-Chuy*. Pelotas, 2016. No prelo.

BOURDIEU, Pierre. L'identité et la représentation : éléments pour une réflexion critique sur l'idée de région. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. vol. 35, nov.1980, L'identité, p. 63-72.

BRAIT, B.; MELO R. de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin*: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 61-78.

BRASIL. Decreto de Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal. *Altera o art. 121 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos*. Brasília, DF, 9 mar. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm>. Acesso em: 15. out. 2017.

BRASIL. Lei nº 5.700, de 1º de setembro de 1971. *Dispõe sobre a forma e a apresentação dos Símbolos Nacionais, e dá outras providências*. Brasília, DF, set de 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5700.htm>. Acesso em: 02. dez. 2017.

BRASIL. Projeto de Lei nº 6.583 - A, de 2013 (da Câmara dos Deputados). *Dispõe sobre o Estatuto da Família e dá outras providências*. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=2001BF9B6109889490FFDEC461655133.proposicoesWebExterno1?codteor=1399238&filename=Avulso+-PL+6583/2013>. Acesso em: 31. out. 2017.

CABECINHAS, Rosa. *Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais*. Actas do II congresso Ibérico de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira do Interior, Covilhã, 2004. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1650/1/rcabecinhas_II_Iberico_2004.pdf>. Acesso em 15. abr. 2016.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Reflexões acerca da continuidade e descontinuidade no Vaticano II: possibilidades de análise. *REVELETEO - Revista Eletrônica Espaço Teológico*. Faculdade de Teologia da PUC-SP, n.3, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/6762/4892>. Acesso em: 25. set. 2017.

CAMUS, ALBERT. *Actuelles II*. Paris: Gallimard, 1953.

CARNAVAL SILENCIOSO. *Facebook*, Eventos, 08. dez. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/304503756622377>. Acesso em: 09. dez. 2017.

COELHO, Teixeira. *A cultura e seu contrário*: cultura, arte e política pós 2001. São Paulo: Iluminuras – Itaú Cultural, 2008.

COMBLIN, José. Vaticano II ontem e hoje. *Vida Pastoral*, nov/dez de 1985, p. 2-10. Disponível em: < http://www.vidapastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilios/vaticano-ii-ontem-e-hoje/>. Acesso em: 25. set. 2017.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013. *Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas do mesmo sexo*. Brasília, DF, 14. mai. 2017. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/files/atos_administrativos/resoluo-n175-14-05-2013-presidncia.pdf>. Acesso em: 01. nov. 2017.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução Viviane Ribeiro. 2. Ed. Bauru: EDUSC, 2002.

Cultura. *Dicionário Etimológico*: Etimologia e origem das palavras. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/cultura/>. Acesso em: 20. set. 2017.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. 2. ed. Tradução Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2011. p. 9-50.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Tradução do Posfácio à edição alemã Pedro Süssekind. Apresentação e revisão técnica: Federico Neiburg. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

Enciclopédia Itaú Cultural. *Jean-Baptiste Debret*. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18749/debret>. Acesso em: 22. out. 2017.

Escritório de Arte.com. *Albert Eckhout*. Disponível em: <https://www.escritoriodearte.com/artista/albert-eckhout/>. Acesso em: 22. out. 2017.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo:* as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Paraná: Criar Edições, 2003.

FAVARETTO, Celso F. Deslocamentos: entre a arte e a vida. *ARS*, São Paulo, vol. 9, ano 8, nº 18, São Paulo, 2011. p. 94-108.

FERRAZ, Ana. Para onde vão as moedas jogadas na Fontana de Trevi? *UOL Notícias*, 23. fev. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2017/02/23/para-onde-vao-as-moedas-jogadas-na-fontana-de-trevi.htm>. Acesso em: 30. out. 2017.

FIDELIS, Gaudêncio. *Curador explica como será o "Queermuseu", nova exposição no Santander Cultural*. Zero Hora – Caderno de Entretenimento. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/arte/noticia/2017/08/curador-explica-como-sera-o-queermuseu-nova-exposicao-no-santander-cultural-9867491.html>. Acesso em: 15. set. 2017.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. 20. Ed. Tradução Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Tradução Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2014.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Tradução pela Editora. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Apicuri, 2016.

HEIDEGGER, Martin. *Poetry, language, thought*. Tradução para o inglês Albert Hofstadter. Nova York: Harper & Row, 1971.

JACOBS, Michel. *Tirando dúvidas em inglês*. São Paulo: Disal Editora, 2003. Disponível em: <http://www.teclasap.com.br/vocabulario-farofa/>. Acesso em: 28. out. 2017.

JULLIEN, François. *O diálogo entre as culturas*: do universal ao multiculturalismo. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

KAWANAMI, Silvia. *11 coisas que brasileiros não devem fazer no Japão*. Japão em foco. 5. set. 2015. Disponível em: <http://www.japaoemfoco.com/11-coisas-que-nao-devemos-fazer-no-japao/>. Acesso em: 7. set. 2017.

KEEVIL & KEEVIL. *Chicken hearts*. Disponível em: <https://www.keevilandkeevil.co.uk/chicken-hearts#>. Acesso em 30. out. 2017.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*: ensaios de sociossemiótica. Tradução Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Le Monde Diplomatique Brasil. *O status quo das mulheres*. Acervo digital, 01. abr. 2004. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/o-status-quo-das-mulheres/>. Acesso em: 16. set. 2017.

MANTOVANI, Flávia. Aplaudir o pôr do sol, abraçar... Veja o que surpreendeu os estrangeiros. *G1*, 10 de julho de 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/07/aplaudir-por-do-sol-abracar-veja-o-que-surpreendeu-os-estrangeiros.html>. Acesso em: 10. jul. 2015.

_____. Vaidade, comida farta, casais gays... Veja o que surpreendeu estrangeiros. *G1*, 20 de agosto de 2016. Disponível em: < http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/vaidade-comida-farta-casais-gays-veja-o-que-surpreendeu-estrangeiros.html>. Acesso em: 12. dez. 2016.

MARSIGLIA, Luciano. *7 costumes brasileiros para NÃO fazer em outros países*. Mundo estranho. 21. out. 2016. Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br/comportamento/7-costumes-brasileiros-nao-fazer-outros-paises/>. Acesso em: 7. set. 2017.

MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. F; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Linguística funcional*: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 17-28.

MATELLART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. Tradução Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento* – as bases biológicas da compreensão humana. Tradução Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Disponível em: < http://www.cultura.gov.br/o-ministerio>. Acesso em: 19. mar. 2017.

MOBILIZE. *Rio de Janeiro é a cidade com mais ciclovias da América Latina*. 9. dez. 2015. Disponível em: <http://www.mobilize.org.br/noticias/9082/rio-de-janeiro-e-a-cidade-com-mais-ciclovias-da-america-latina.html>. Acesso em: 2. nov. 2017.

MORAES, Luciano Passos. *Exílio e retorno ao país natal em Sergio Kokis e Dany Laferrièrre*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. 194 f.

MORIN, Edgar. O *método 5*: a humanidade da humanidade. Tradução Juremir Machado da Silva. 3. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NEIBURG, Federico. Apresentação à edição brasileira: a sociologia das relações de poder em Norbert Elias. In: ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Tradução do Posfácio à edição alemã Pedro Süssekind. Apresentação e revisão técnica: Federico Neiburg. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 7-12.

OUELLET, Pierre. Palavras migratórias. Tradução Luciano Passos Moraes. In: HANCIAU, Nubia; DION Sylvie (org.). *A literatura na história. A história na literatura*: textos canadenses em tradução. Rio Grande: Editora da FURG, 2013. p. 145-170.

PATERSON, Janet. Pensando o conceito de alteridade hoje: entrevista a Sandra Regina Goulart Almeida. In: Aletria v. 16: Alteridades. Belo Horizonte: POSLIT/FALE UFMG, 2007. p. 13-9. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1402/ 1500>. Acesso em: 28. abr. 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e representações, uma trajetória. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 45-58, jan./dez., 2006.

PORPINO, Gustavo. In: BARROS, Luciana. Por que famílias pobres também desperdiçam comida no Brasil? *BBC Brasil*, 08 de abril de 2017. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39296186>. Acesso em: 29. out. 2017.

POSSENTI, Sírio. Notas sobre um tipo de relação entre língua e cultura. In: BORBA, Lilian do Rocio; LEITE, Cândida Mara Britto (Orgs.). *Diálogos entre língua, cultura e sociedade*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013. p. 51-66.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. Why linguistics needs to reinvent itself. In: *Conferência Internacional de Estudos Linguísticos (CIELIN)*, de 17 a 20 de outubro de 2017, Brasília – DF. Conferência de abertura, proferida dia 17 de outubro de 2017, na Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC) da Universidade de Brasília (UnB).

RAMIL, V. *A estética do frio*: conferência de Genebra = *L'esthétique du froid*: conférence de Genéve. Porto Alegre: Satolep, 2004.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Luís. Abu Dhabi vai ter um tribunal só para turistas. *Visão*, Sociedade, 05. fev. 2017. Disponível em: <http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/2017-02-05-Abu-Dhabi-vai-ter-um-tribunal-so-para-turistas>. Acesso em: 26. out. 2017.

ROBERTSON, Debora. Why Meghan and Harry's wedding banana cake would be so right for now. *The Telegraph*, 4. dez. 2017. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/food-and-drink/features/meghan-harrys-wedding-banana-cake-would-right-now/>. Acesso em: 4. dez. 2017.

ROBINSON, Joe. 10 things to know before visiting Brazil. *CNN*, 24 de julho de 2013. Disponível em: <http://edition.cnn.com/travel/article/brazil-10-things/index.html>. Acesso em: 10. jul. 2015.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p.51-52: Complexo de vira-latas.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SÁ LEITÃO, Sérgio. *Roberto D'Ávila Entrevista*. Brasília, Globo News, 11 de outubro de 2017. Entrevista concedida a Roberto D'Ávila, 2017.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Santander Cultural. *Programação*. Disponível em: <https://www.santander.com.br/br/institucional/cultura/santander-cultural/programacao-santander-cultural>. Acesso em: 15. set. 2017.

SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Science4you. *Dia mundial do beijo*: como se cumprimenta pelo mundo?. 13. abr. 2017. Disponível em: <http://blog.science4you.pt/curiosidades/dia-mundial-do-beijo/>. Acesso em: 16. set. 2017.

SOBRAL, Adail Ubirajara. *Conversas e apontamentos durante os encontros de orientação de doutorado*. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas - RS, 2017.

SPÍNOLA, Vera. Multiculturalismo, a resposta do Canadá à diversidade. In: MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (Org.). *Língua, cultura e ensino*: diálogos interdisciplinares. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 105-122.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. Quem reivindica alteridade? Tradução Patrícia Silveira de Farias. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. *Tendências e impasses*: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 1987-205.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna:* teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 8. ed. Tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 165-215.

Top5: como se comportar no exterior para não passar vergonha. *O mundo na mochila*. 25. ago. 2016. Disponível em: < https://www.omundonamochila.com/destinos/top-5-como-se-comportar-no-exterior-para-nao-passar-vergonha/>. Acesso em: 2. set. 2017.

WHITE, Leslie; DILLINGHAM, Beth. *O conceito de cultura*. Tradução Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura y materialismo*. Buenos Aires: La Marca Editora, 2012.

WOODWARD, Ian. *Understanding material culture*. London: FSC Mixed Sources, 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos Estudos Culturais. Traduções de Tomaz Tadeu da Silva. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007. p.7-72.